



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS – LIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL

GENILDO FERNANDES GONÇALVES

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA COMUNIDADE KALUNGA VÃO DE ALMAS,
CAVALCANTE- GOIÁS: UMA ANÁLISE DO PROCESSO DE TRANSIÇÃO DA
ORALIDADE DA LÍNGUA MATERNA PARA A NORMA PADRÃO**

Brasília/DF

2024

GENILDO FERNANDES GONÇALVES

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA COMUNIDADE KALUNGA VÃO DE ALMAS,
CAVALCANTE- GOIÁS: UMA ANÁLISE DO PROCESSO DE TRANSIÇÃO DA
ORALIDADE DA LÍNGUA MATERNA PARA A NORMA PADRÃO.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosineide Magalhães de Sousa

Brasília/DF

2024

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

GG635v Gonçalves, Genildo Fernandes
VARIÇÃO LINGUÍSTICA NA COMUNIDADE KALUNGA VÃO DE ALMAS,
CAVALCANTE, GOIÁS: UMA ANÁLISE DO PROCESSO DE TRANSIÇÃO DA
ORALIDADE DA LÍNGUA MATERNA PARA A NORMA PADRÃO. / Genildo
Fernandes Gonçalves; orientador Rosineide Magalhães Sousa.
-- Brasília, 2024.
83 p.

Dissertação (Mestrado em Linguística) -- Universidade de
Brasília, 2024.

1. Sociolinguística. . 2. Variedade Linguística. . 3.
Comunidade Vão de Almas. . 4. Etnografia. . I. Sousa,
Rosineide Magalhães, orient. II. Título.

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA COMUNIDADE KALUNGA VÃO DE ALMAS,
CAVALCANTE- GOIÁS: UMA ANÁLISE DO PROCESSO DE TRANSIÇÃO DA
ORALIDADE DA LÍNGUA MATERNA PARA A NORMA PADRÃO.**

Genildo Fernandes Gonçalves

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa - PPGL/unB (Presidente)

Profa. Dra. Ormezinda Maria Ribeiro - PPGL/UnB (Membro interno)

Profa. Dra. Vângela do Carmo Oliveira Vasconcelos - SEDF (Membro Externo)

Prof. Dr. Edinei Carvalho dos Santos - FM/UnB - (membro suplente)

EPÍGRAFE

*“Até que os leões inventem as suas
próprias histórias, os caçadores serão
sempre os heróis das narrativas de caça”.*

(Provérbio africano)

*É chegada a hora de tirar nossa nação das
trevas da injustiça racial.*

(Zumbi dos Palmares)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos(as) da Comunidade Quilombola Vão de Almas, onde a força ancestral e a cultura resplandecem em cada história de resistência.

Às crianças que correm livres entre os campos e aos mais velhos que guardam as memórias dos tempos passados, expresso minha gratidão por preservarem as tradições que nos conectam às raízes mais profundas. Às mulheres que tecem os fios da comunidade com sua sabedoria e à sabedoria dos mais velhos que nos ensinam o valor da simplicidade e da verdadeira riqueza, dedico minha admiração e respeito.

Que a luz da nossa história e cultura continuem a brilhar intensamente, iluminando o caminho das futuras gerações. Com humildade e gratidão, dedico este trabalho a todos os moradores da Comunidade Quilombola Vão de Almas, verdadeiros guardiões da nossa identidade e da nossa herança cultural.

AGRADECIMENTO

Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos a Deus, à Nossa Senhora da Guia e Nossa Senhora do Livramento, assim como à força espiritual do meu saudoso pai, que sempre me guiaram e inspiraram durante esta jornada. Em segundo lugar, quero agradecer imensamente toda a minha família e à minha comunidade quilombola Vão de Almas, pela existência e resistência que são fundamentais em minha vida.

Também gostaria de estender meus agradecimentos aos seguintes professores e professoras que foram essenciais no meu percurso acadêmico: Profa. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa, pela amizade e pela valiosa orientação. Profa. Dra. Ormezinda Maria Ribeiro, Profa. Dra. Vângela do Carmo Oliveira Vasconcelos e Prof. Dr. Edinei Carvalho dos Santos, membros da banca avaliadora, por aceitar o convite e pelas contribuições. Suas orientações e conhecimentos contribuíram significativamente para o desenvolvimento deste trabalho.

Não poderia deixar de mencionar o Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL), pelo apoio e oportunidade concedida para a realização deste estudo. Agradeço imensamente a todos os envolvidos no PPGL pela dedicação e comprometimento com a formação acadêmica e o avanço da pesquisa na área da linguística.

Muito obrigado!

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo Investigar o processo de transição da oralidade da língua materna para a norma padrão e o processo de letramento entre a variedade falada e a norma padrão dos estudantes do 6º ano do Colégio Estadual Calunga I (antiga sede), moradores da comunidade quilombola Kalunga Vão de Almas, município de Cavalcante, Goiás, Fazenda Coco. Ela não visa privilegiar uma variedade linguística em detrimento de outra, mas promover o desenvolvimento de conhecimentos que permitam a preservação das tradições, cultura, costumes e identidades locais. A pesquisa está fundamentada nos conceitos da Sociolinguística, com destaque para autores como Bortoni-Ricardo (2008), Sousa (2006), Creswell (2007), Bagno (2007), Vellasco e Sousa (2007), entre outros. A metodologia está pautada na (auto)etnografia e na Sociolinguística. A dissertação está dividida em quatro capítulos, que tem como fio condutor a narrativa autoetnográfica do pesquisador quilombola. Os resultados revelados demonstraram um perfil sociolinguístico complexo entre os estudantes, marcado por uma interação dinâmica entre aspectos do ambiente rural e urbano, da linguagem oral e escrita. A variedade linguística apresentada pelos alunos abrange expressões típicas da região, variações fonético-fonológicas e preferências estilísticas, contribuindo para enriquecer o cenário sociolinguístico da comunidade. Espera-se, com este trabalho, contribuir com os estudos das sociolinguística e da etnografia no contexto quilombola e trazer dados da pesquisa sociolinguística na escola que possa contribuir com políticas linguísticas para a educação quilombola.

Palavras-chave: Sociolinguística. Variedade Linguística. Comunidade Vão de Almas. Etnografia.

ABSTRACT

This research aims to investigate the transition process from the orality of the mother tongue to the standard norm and the literacy process between the spoken variety and the standard norm of 6th year students at Colégio Estadual Calunga I (former headquarters), residents of the community quilombola Kalunga Vão de Almas, municipality of Cavalcante, Goiás, Fazenda Coco. It does not aim to privilege one linguistic variety over another, but to promote the development of knowledge that allows the preservation of traditions, culture, customs and local identities. The research is based on the concepts of Sociolinguistics, with emphasis on authors such as Bortoni-Ricardo (2008), Sousa (2006), Creswell (2007), Bagno (2007), Vellasco and Sousa (2007), among others. The methodology is based on (auto)ethnography and Sociolinguistics. The dissertation is divided into four chapters, which have as their thread the autoethnographic narrative of the quilombola researcher. The revealed results showed a complex sociolinguistic profile among the students, characterized by a dynamic interaction between aspects of rural and urban environments, oral and written language. The linguistic variety presented by the students includes typical regional expressions, phonetic-phonological variations, and stylistic preferences, contributing to enriching the sociolinguistic scenario of the community. This work is expected to contribute to the studies of sociolinguistics and ethnography in the quilombola context and to bring data from sociolinguistic research at school that can contribute to linguistic policies for quilombola education.

Keywords: Sociolinguistics. Linguistic Variety. Vão de Almas Community. Ethnography.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FUP	Faculdade UnB de Planaltina
GO	Goiás
LEDOC	Licenciatura em Educação do Campo
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PPGL	Programa de Pós-Graduação em Linguística
TC	Tempo Comunidade
TU	Tempo Universidade
UnB	Universidade de Brasília.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Sítio quilombola Vão de Almas (GO).....	43
Figura 2 - O pesquisador na quilombola Vão de Almas (GO)	44
Figura 3 - Rio Paranã	44
Figura 4 - Pesquisador na quilombola Vão de Almas (GO).....	45
Figura 5 - Plantação de cana-de-açúcar no quilombo Vão de Almas.	45
Figura 6 - Produção da tapioca.	46
Figura 7 - Preparação de rapadura artesanal.....	46
Figura 8 - Império do Divino Espírito Santo na comunidade Kalunga Vão de Almas.....	50
Figura 9 - Pátio do Colégio Estadual Calunga I.....	54
Figura 10 - Estudantes no Colégio Estadual Calunga I.....	55
Figura 11 - Colégio Estadual Calunga I.....	56
Figura 12 - Casa do morador da Fazenda Coco, cercada por paredes de adobes e coberta por palhas.	57
Figura 13 - Campinho do Colégio Estadual Calunga I	57

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Narrativa sobre o "Negro D'água".....	51
Quadro 2 Narrativa sobre a presença Indígenas na Comunidade.	52
Quadro 3 Texto produzido pelo estudante Dakari	55
Quadro 4 Falas espontâneas dos estudantes Chijioke, Zahara, Dakari	59
Quadro 5 Falas espontâneas dos estudantes Aganju, Ashanti, Zahara, Amai, Chijioke, Adila, Dakari.	60
Quadro 6 Textos produzidos pelos estudantes do 6º ano do Colégio Estadual Calunga	63

SUMÁRIO

I INTRODUÇÃO	13
1.1 Contextualização	16
1.2 Autoetnografia do pesquisador	18
2. CAPÍTULO II: percurso metodológico: com as (auto)etnografias narrativa.....	21
2.1 Pesquisa de Abordagem Qualitativa	21
2.2 Sociolinguística Educacional.....	22
3.3 Etnografia e autoetnografia na sala de aula	24
2.3 A etnografia.....	26
2.5 Autoetnografia	27
2.6 Etnografia Educacional.....	28
2.8 Contexto de Pesquisa	30
2.9 Perguntas Exploratórias.....	31
2.9 Objetivo Geral.....	32
2.10 Objetivos Específicos	32
3. CAPÍTULO III: Sociolinguística e os contínuos de urbanização, de oralidade-letramento e de monitoração estilística	33
3.1 Os caminhos da Sociolinguística	33
3.2 Sociolinguística da Variação.....	34
3.3 Sociolinguística Educacional	35
3.4. Variedade Linguística	37
3.4.1 Dialeto	37
3.4.2 Socioleto.....	37
3.4.3 Cronoleto.....	37
3.4.4 Idioleto	37
3.4 Variação Sociolinguística	38
3.4.1 Variação Diatópica	38
3.4.2 Variação Diastrática	38
3.4.3 Variação Diamésica.....	38
3.4.4 Variação Diafásica.....	38
3.4.5 Variação Diacrônica	38
3.5 Variação Linguística	38
3.6 Contínuos de análise das variedades linguística.....	38

4. CAPÍTULO IV: da transição do oral para o escrito: narrativas, falas espontâneas e textos escritos	33
4.1 O perfil da Comunidade Vão de Almas e perfil sociolinguístico dos estudantes do 6º ano do colégio Estadual Calunga I (antiga sede) oriundos da Fazenda Coco	43
4.1.1 Vão de Almas: o Contínuo Rural-Urbano	43
4.1.2 Vão de Almas: Contínuo Oralidade-Letramento	49
4.1.3 Vão de Almas: Contínuos do Letramento e de Monitoração Estilística	53
4.2 A variação linguística dos estudantes do 6º ano do Colégio Estadual Calunga I (antiga sede) moradores da Fazenda do Coco.....	59
4.3 Transição da língua materna para a norma padrão dos estudantes do 6º ano do Colégio Estadual Calunga I.....	63
Considerações e reflexão sobre o resultado da pesquisa.....	66
REFERÊNCIAS	69
ANEXOS.....	75
ANEXO A.....	75
ANEXO B.....	77
ANEXO C	80

I. INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização

Esta pesquisa tem como objetivo investigar o processo de transição da oralidade da língua materna para a norma padrão e o processo de letramento entre a variedade falada e a norma padrão dos estudantes do 6º ano do Colégio Estadual Calunga I (antiga sede), moradores da comunidade quilombola Kalunga Vão de Almas, município de Cavalcante, Goiás, Fazenda Coco. Como professor de Língua Portuguesa no Colégio Estadual Kalunga I, antiga sede, tenho observado uma barreira enfrentada pelos estudantes provenientes do ensino fundamental das escolas municipais. Ao ingressarem na rede estadual para cursar o 6º ano, encontram um ambiente escolar distante de sua realidade, com mudanças de professores, aulas cronometradas e uma gramática padronizada que lhes parece estranha.

Essa transição que deveria ser uma experiência empolgante e enriquecedora, muitas vezes, torna-se uma fonte de desconforto para os alunos. Enquanto alguns colegas de classe já têm algum conhecimento da gramática escolar e da norma padrão, esses estudantes chegam com menos familiaridade com essa variedade, o que os deixa em desvantagem.

Essa é apenas a primeira barreira. A segunda barreira está relacionada ao conhecimento e abordagem do professor em relação à Sociolinguística e ao ensino dos conteúdos gramaticais. Assim como eu e meus colegas, que nos calamos diante da imposição de uma única forma de falar durante nossa trajetória estudantil, esses alunos também se sentem silenciados, porque também não conseguem dominar uma variedade linguística exigida pela escola que não é a variedade vernacular deles.

Motivado pela minha experiência e pela necessidade de valorizar a diversidade linguística de minha comunidade, decidi investigar e analisar o processo de transição da língua falada para a norma padrão dos estudantes da Fazenda Coco. Além disso, trabalho em sala de aula para fortalecer a identidade cultural local, explicando que as variedades linguísticas fazem parte da riqueza cultural e são uma forma de resistência à tentativa de apagamento da identidade do povo Kalunga.

A ideia de pesquisar e registrar as variações linguísticas dos moradores da Fazenda Coco surgiu durante uma aula de Sociolinguística com a professora Rosineide Magalhães de Sousa, que se tornou minha orientadora de pesquisa durante a graduação. Posteriormente, durante o curso de Especialização em Educação do Campo, tive a oportunidade de elaborar um material didático voltado para comunidades quilombolas, o que reforçou meu interesse em valorizar os conhecimentos locais e as variedades linguísticas da região.

Agora, durante o mestrado em Linguística, decidi dar continuidade à minha pesquisa, desta vez envolvendo os estudantes da Fazenda Coco. Meu objetivo é analisar o comportamento linguístico dessas crianças, observando se prevalece o linguajar materno ou se há uma transição para a variedade linguística ensinada na escola, ou mesmo se estão desenvolvendo a habilidade de alternar entre as duas formas de falar.

Esta pesquisa não visa privilegiar uma variedade linguística em detrimento de outra, mas sim promover o desenvolvimento de conhecimentos que permitam a preservação das tradições, cultura, costumes e identidades locais. A língua é uma parte fundamental da identidade de um povo, e não podemos permitir que a imposição de uma única forma de falar silencie as vozes das comunidades quilombolas da Comunidade Kalunga Vão de Almas, Fazenda Coco. Assim sendo, esta pesquisa oferece uma contribuição valiosa para o entendimento da relação entre linguagem, identidade e educação, destacando a importância de uma abordagem sensível e inclusiva em relação às variedades linguísticas presentes na comunidade, promovendo o respeito pela diversidade linguística e cultural.

A pesquisa será realizada com crianças entre 10 e 12 anos e adolescentes de 13 a 15 anos de idade, sendo três do sexo feminino e quatro do sexo masculino. O objetivo é analisar a transição da oralidade para a norma padrão em estudantes do 6º e 7º ano do Colégio Estadual Calunga I, representantes dessa faixa etária.

Para a geração de dados, serão registradas as falas espontâneas dos alunos durante as interações em sala de aula, nas participações orais em interpretações textuais e nos intervalos no campinho da escola. Além disso, serão analisadas as produções textuais escritas dos estudantes para observar o

processo de transição da oralidade para a norma escrita padrão.

Esta pesquisa está fundamentada nos conceitos da Sociolinguística, com destaque para autores como Bortoni-Ricardo (2008), Sousa (2006), Creswell (2007), Bagno (2007), Vellasco e Sousa (2007), entre outros.

Sua base metodológica está pautada na (auto)etnografia e na própria sociolinguística, na perspectiva de Bortoni-Ricardo (2008). A narrativa do pesquisador, com experiências focadas no sua trajetória pessoal e acadêmica, constitui o fio contudo do trabalho.

A dissertação está dividida em quatro capítulos. O Capítulo I, que é a introdução, apresenta a contextualização e minha (auto)etnografia, com a justificativa da pesquisa. O Capítulo II descreve o percurso metodológico, incluindo as autoetnografias e narrativas das pessoas pesquisadas. O Capítulo III aborda os conceitos sociolinguísticos, apresentando os contínuos de urbanização, de oralidade-letramento e de monitoração estilística. Finalmente, o Capítulo IV trata da transição do oral para o escrito, registrando as narrativas históricas, as falas espontâneas e os textos escritos dos participantes da pesquisa.

Com esta pesquisa, almejamos mostrar a cultura sociolinguística das pessoas da Fazenda Coco, da Comunidade Vão de Almas, identificando a variedade linguística dela e como as crianças e adolescentes lidam com sua variedade e com a variedade da escola, produzindo, muitas vezes, uma interlíngua. Conforme Bagno (2017, p. 209):

Termo proposto por Larry Selinker (1972) para designar o tipo de língua produzida por um aprendiz de segunda língua ou de uma língua estrangeira. O termo enfatiza o sistema do aprendiz, instável porém em constante desenvolvimento, que exhibe propriedades nem totalmente derivadas de sua primeira língua nem totalmente da língua em processo de aprendizagem (a chamada língua-alvo).

Contudo, não vamos avançar aqui nesse termo, mas abrir uma porta para aprofundar o estudo futuramente, mostrando que temos muitas possibilidades de estudo linguístico para a Fazenda Coco.

Além disso, este estudo pode trazer luz para os professores que precisam lidar com a variação linguística diariamente em sala de aula, sem saber de onde

buscar experiências. A nossa pesquisa é (auto)etnográfica, trata da realidade da experiência do dia-a-dia de um professor em sala de aula, que é quilombola. Ainda, pode servir de subsídio para políticas linguísticas que vislumbram as comunidades quilombolas, chamando atenção para a variedade sociolinguística do nosso Brasil.

1.2 (Auto)etnografia do pesquisador

A Comunidade Kalunga Vão de Almas está localizada no município de Cavalcante Goiás, aproximadamente 80 quilômetros de distância da cidade. Uma Comunidade isolada, formada por descendentes de escravos, cercada por altas montanhas.

Nasci e fui criado na própria Comunidade, vivendo das plantações das roças junto com meus pais, que foram os incentivadores a concluir meus estudos. Por ser longe a distância entre a escola e minha casa, era preciso arrumar forças e coragem para ir à escola, seja em dia de sol quente ou até mesmo debaixo de chuvas. Por não ter transporte escolar, era preciso enfrentar todos esses desafios para manter vivo o sonho de um dia me formar e fazer valer todo o esforço feito pelos meus pais e realizar o sonho deles de um dia me ver formado.

Nas roças, plantávamos arroz, milho, feijão, mandioca, jiló e melancia. Desses produtos plantados, alimentávamos nossa família. Da mandioca fazíamos a farinha para vender e do dinheiro comprávamos alguns alimentos que não produzíamos na roça: óleo, sal, açúcar, algumas roupas. Além disso, nunca me esquecia de comprar o caderno para eu estudar, às vezes, meus pais deixavam de comprar um par de roupa ou até mesmo uma lata de óleo para comprar meus materiais escolares.

Mas a Comunidade não tinha escola que atendesse as demandas dos alunos. Os alunos cursavam apenas o ensino fundamental até o 9º ano. Para dar continuidade aos estudos e terminar o ensino médio, o aluno era obrigado a deixar a comunidade e seus familiares e ir morar na cidade. Foi o que aconteceu comigo. Separei dos meus pais aos 13 anos e fui morar na cidade para cursar o ensino médio. Muitas vezes passava necessidade devido a não ter condições

para me manter na cidade. Meus pais ficavam trabalhando na roça enquanto eu estudava. A saudade era grande. Só nos encontrávamos de dois em dois meses.

Na tentativa de ajudar meus pais, comecei a trabalhar muito cedo de ajudante de pedreiro, mas a força era pouca. Não conseguia pegar um saco de cimento. Era obrigado a usar estratégias escondido do patrão: rolar o cimento dentro de um carrinho de mão deitado no chão. Agradeço a ele, pois no final do dia tinha ganho meus quinze reais. Quinze reais era o valor que eu ganhava no dia.

À noite, mesmo cansado, era hora de lutar pelo meu sonho e do sonho dos meus pais: ir para escola estudar. Enfrentei muitos preconceitos lingüísticos, devido às pessoas acharem que quem morava na zona rural não sabiam falar “certo”. Muitas piadinhas eram ouvidas pelos corredores, às vezes, chegava até pensar em desistir, mas era motivado a continuar quando lembrava que meus pais suavam na roça para me manter na escola e tinham esperanças de um dia me ver na faculdade.

Os anos foram passando e quando cursava o 3º ano do ensino médio, fiz o vestibular da UNB. Consegui ser aprovado e ingressar na Universidade e fazer uma Faculdade, tudo que eu e meus sonhamos.

Chegando à universidade, a condição financeira falava mais alto. Poucas pessoas conhecidas, longe dos meus pais. Várias vezes fui obrigado a ficar sem tomar café de manhã para ver se o dinheiro dava para almoçar meio dia. Meus pais até tentavam me ajudar, mas o dinheiro da farinha era muito pouco, e o custo de vida em Brasília era muito alto, e eles ainda tinham a minha irmã mais nova para ajudar nas despesas e materiais escolares.

Em uma de minhas aulas no curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) Área de linguagem: Linguística, começamos a estudar sobre sociolingüística em que tratávamos de variações lingüísticas, onde aprendi que a língua carrega a identidade e cultura de um povo e pode ser identificada na maneira de falar. Lembrei dos preconceitos lingüísticos que tinham sofrido na escola quando cursava o ensino médio. Decidi então fazer meu trabalho de conclusão de curso (TCC), uma pesquisa sobre as variações lingüísticas existente na Comunidade Kalunga Vão de Almas, para mostrar há essas pessoas de fora que nós da zona rural, em especial os Quilombolas, sabíamos falar direito, e que essa variação é uma cultura de um povo que vem passando

de geração para geração. E, junto com os próprios moradores da própria Comunidade, lutar para manter nossa cultura e nossa língua vivas, que são instrumentos comunicativos entre nós.

Durante todo esse tempo de estudo, a intenção sempre foi retornar o resultado de todo o trabalho para a Comunidade Kalunga Vão de Almas no intuito de fortalecer a cultura lingüística quilombola.

Um dos objetivos no mestrado será aprofundar mais nas pesquisas nos modos de falar das pessoas da Comunidade Kalunga Vão de Almas, trazendo segurança no modo de falar das pessoas.

A universidade de Brasília (UNB) foi a instituição de ensino que nos possibilitou o acesso ao ensino superior, ofertando vertibular para o ingresso ao curso de Licenciatura Em Educação do Campo (LEdoC). Curso em regime de alternância, que permitiu aos graduandos estudarem e voltarem para suas respectivas moradias nas comunidades do Campo. No nosso caso, para as comunidades Quilombolas. Dessa forma, a LEdoC fortaleceu cada vez mais as Comunidades tradicionais, pois a maioria dos educandos exerciam papéis muito importantes nos seus territórios: professores, representantes de associações locais, ou apenas residentes.

O fortalecimento dessas Comunidades, onde os discentes estavam inseridos, ocorria através da troca de conhecimento obtido na universidade pelos estudantes. Durante o tempo Comunidade (TC), havia atividades a serem desenvolvidas com a participação de algumas pessoas da localidade: entrevistas para a colheita de dados para construção da árvore geneológica, e resgate da cultura e identidade do seu povo.

Nos momentos de realizações destas atividades, aconteciam as trocas de conhecimentos científico e tradicional. Os educandos passavam para os comunitários o que tinham aprendido sobre fortalecimento cultural durante Tempo Universidade (TU), período em que o universitário está presente na unidade de ensino.

O regime de alternância do curso, além de permitir a permanência do graduando no território enquanto estudava, também nos permitia a participação em programas de incentivo à pesquisa e à iniciação a docência como o (PIBID), Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

Quando contemplado, o estudante bolsista, durante o tempo

Comunidade, desenvolvia atividades na escola de inserção, contribuindo com o processo de ensino e aprendizagem dos alunos da respectiva escola onde o graduando estava inserido.

O programa de iniciação à docência (PIBID) busca incentivar os graduandos a inserir-se ao ambiente escolar e na prática educacional. Durante a minha graduação, em meados de dois mil e quatorze (2014), fui bolsista do PIBID. Gostei tanto da experiência que desde dois mil e dezessete (2017) estou trabalhando como professor do 6º ano à terceira série do ensino médio no Colégio Estadual, localizado na Comunidade Kalunga Vão de Almas.

O programa de iniciação à docência me despertou o desejo de estar inserido em uma sala de aula contribuindo com o ensino e aprendizagem das crianças e jovens da minha Comunidade, fazendo com que eu tivesse o meu trabalho remunerado e permanesse na minha localidade onde nasci.

Após ter participado do programa PIBID como bolsista da graduação, em dois mil e dezoito (2018), voltei à Universidade para cursar uma pós-graduação voltada ao ensino básico de língua portuguesa. E novamente por meio de um processo seletivo fui aprovado para o cargo de bolsista supervisor, com a missão de supervisionar graduandos que iriam desenvolver atividades nas escolas inseridas nas Comunidades Kalunga do município de Cavalcante-GO.

A fim de dar continuidade e aprimorar os meus conhecimentos, em dois mil e vinte dois (2022), engressei no curso de mestrado do (PPGL), programa de Pós-graduação em Linguística, onde pude estudar os fenômenos que acontecem nas falas das pessoas da Comunidade Kalunga Vão de Almas. No início, foi um pouco complicado. Por conta da pandemia da Covid 19, as aulas tiveram que ser remotas, e por conta da instabilidade da energia elétrica, o sinal de internet era muito fraco. Assistir as aulas era uma verdadeira batalha. Mas tudo deu certo, os professores ministrantes das aulas conheciam a realidade dos educandos e nos entendia.

Diante de todo o percurso narrado nesta autoetnografia, minha trajetória educacional foi marcada por superação, perseverança e comprometimento com a educação e a cultura da Comunidade Kalunga Vão de Almas. Desde os desafios enfrentados na infância para estudar até a conquista do ingresso na universidade e a continuidade nos estudos através da pós-graduação e do mestrado, cada etapa foi marcada por determinação e dedicação. Ao longo

desses anos, não apenas busquei a minha formação acadêmica, mas também o retorno e a contribuição significativa para o fortalecimento da identidade linguística e cultural quilombola. A experiência como bolsista do PIBID e supervisor de atividades educacionais nas escolas das Comunidades Kalunga evidenciaram o compromisso em compartilhar conhecimento e promover o desenvolvimento educacional local. Assim, o fechamento deste relato autoetnográfico não é apenas um ponto final, mas sim um ponto de partida para novos desafios, aprendizados e contribuições em prol da valorização e preservação da história e da língua do povo Kalunga.

CAPÍTULO II

PERCURSO METODOLÓGICO: COM AS (AUTO)ETNOGRAFIAS E NARRATIVAS

Neste capítulo, abordamos o percurso metodológico adotado nesta pesquisa, que compreende a aplicação de métodos qualitativos, técnicas de etnografia, formulação de perguntas e estabelecimento de objetivos geral e específicos. Nosso foco estará na descrição e análise das autoetnografias realizadas pelo pesquisador, assim como nas narrativas históricas compartilhadas pelos membros estudantes da comunidade Kalunga Vão de Almas, situada na Fazenda Coco. O capítulo, na verdade, traz um conjunto de perspectivas metodológicas que compõem uma pesquisa etnográfica que envolve a sociolinguística nesse cenário, pois estamos tratando de língua, variedade linguística, interação, cultura e história de uma comunidade quilombola: Fazenda Coco, Vão de Almas – Goiás, onde a escola é o território principal.

2.1 Pesquisa de Abordagem Qualitativa

A pesquisa realizada adota uma abordagem qualitativa, fundamentada na perspectiva etnográfica de Sousa (2006), Creswell (2007) e Bortoni-Ricardo (2008). Além disso, incorpora a perspectiva autoetnográfica (Calva, 2019), na qual o pesquisador se posiciona dentro da pesquisa, compartilhando sua experiência como nativo da Fazenda Coco. O processo de geração de dados envolveu o registro de falas espontâneas e a produção de textos seguindo as práticas escolares da escrita padrão no ambiente da sala de aula (Bortoni-Ricardo, 2008), conforme delineado nos objetivos, visando responder às perguntas de pesquisa e realizar um levantamento sociolinguístico da comunidade investigada.

Por conhecer bem os estudantes, eu, como professor, sabia quais assuntos deveriam ser abordados para a geração dos dados durante as conversas espontâneas, tanto no ambiente escolar quanto no campo de futebol, durante visitas aos seus domicílios e no caminho da escola até suas casas. Nestes momentos, quando os alunos se sentiam à vontade, compartilhavam

piadas, cantavam músicas e contavam histórias de pescaria e eventos comunitários e domésticos. Podemos caracterizar essas narrativas como uma forma de autoetnografia¹, na medida em que os participantes da pesquisa relatavam suas experiências cotidianas.

Assim, o conhecimento científico foi adquirido de forma empírica, a partir de experiências sensoriais. As explicações consideradas válidas passaram a ser aquelas baseadas em fatos, com foco em objetos cognoscíveis. Nesse sentido, ao lidar com questões da matéria humana, o pesquisador não é um mero relator passivo, mas um agente ativo, e a relação com seu objeto de pesquisa deve ser situada e considerada nas análises dos fatos investigados (Bortoni-Ricardo, 2008, p. 32).

Dessa forma, é necessário estabelecer no estudo um modelo alternativo que favoreça a investigação de significados sociolinguísticos que não podem ser deduzidos apenas da correlação lógica de causa e consequência e da quantificação dos dados. Essa epistemologia, comum a várias disciplinas das ciências humanas, privilegia uma abordagem qualitativa que permeia a investigação sociolinguística conduzida aqui. No entanto, dados quantitativos também serão levantados e avaliados para a interpretação e elaboração das análises e conclusões.

2. 2 Sociolinguística Educacional

Bortoni-Ricardo (2005) salienta que a questão relevante não é se as escolas são eficientes na transmissão da língua padrão, mas, mais especificamente, se elas contribuem para que os alunos adquiram os estilos formais da língua. O papel do professor em sala de aula é orientar os estudantes sobre as diversas possibilidades linguísticas e as exigências que surgem durante as interações comunicativas. Isso permite que os alunos possam conscientemente adaptar sua maneira de falar de acordo com o nível de formalidade exigido pelo contexto.

Para alguns pesquisadores, o uso da língua materna na sala de aula não

¹ Calva (2019) define autoetnografia como uma investigação das experiências individuais, visando compreender uma experiência cultural específica.

é benéfico para a formação e aprendizado dos estudantes, e argumentam que o ensino da gramática padronizada é prejudicado pela influência da linguagem tradicional. No entanto, outros pesquisadores, como Bortoni-Ricardo (2005), defendem que o uso de dialetos pode ser uma estratégia de transição na educação, conforme recomendações recentes.

Segundo Bortoni-Ricardo (2004), a sociolinguística educacional tem se concentrado em diversos fenômenos da variação linguística no contexto do português brasileiro, examinando suas implicações no processo de ensino e aprendizagem da linguagem, especialmente no que diz respeito ao ensino da Língua Portuguesa no Ensino Fundamental.

Na mesma linha da autora, compreendemos que a pesquisa e o entendimento derivados dessa abordagem podem contribuir para aprimorar a qualidade do ensino da Língua Portuguesa, uma vez que consideram a realidade linguística dos falantes dessa língua, levando em conta não apenas os aspectos internos da língua (como fonologia, morfologia, sintaxe e semântica), mas também os fatores externos (como sexo, etnia, faixa etária, origem geográfica, situação econômica, nível de escolaridade, história e cultura, entre outros). Bortoni-Ricardo, 2004).

Estudos embasados na sociolinguística educacional indicam que é viável desenvolver práticas de linguagem significativas, visando a inclusão de alunos provenientes de classes sociais menos favorecidas, para que estes não se sintam deslocados em relação à linguagem utilizada pela escola, possibilitando-lhes uma participação mais satisfatória nas atividades sociais que requerem diferentes conhecimentos linguísticos (Bortoni-Ricardo, 2024).

Para Bortoni-Ricardo (2004), o contrário dos alunos pertencentes a classes mais privilegiadas, cuja variedade linguística é também a variante de prestígio e a que é ensinada na escola, a maioria dos alunos de classes menos privilegiadas não apenas precisa se adaptar a uma nova forma de linguagem, mas também têm sua variedade linguística desvalorizada e raramente abordada como objeto de estudo em sala de aula. Muitas vezes, esses alunos que utilizam variedades linguísticas populares são alvo de discriminação devido à sua maneira de falar.

Por outro lado, as dificuldades que esses alunos enfrentam nas atividades linguísticas são frequentemente interpretadas como falta de habilidade, quando na verdade estão relacionadas à falta de reconhecimento por parte da escola das diversas variedades linguísticas existentes no Brasil. A escola tende a abordar a língua materna como algo estático, puro, homogêneo e imutável, seguindo a perspectiva de muitos gramáticos. No entanto, a Língua Portuguesa, assim como todas as outras línguas humanas, deve ser compreendida como um organismo vivo, heterogêneo e sujeito à variação e mudança, influenciado por diversos fatores linguísticos e não linguísticos. Isso significa que nossa língua não está fixa, neutra ou imutável, mas em constante processo de variação, refletindo a diversidade dos grupos sociais que a utilizam (Bortoni-Ricardo, 2004).

2.3 Etnografia e autoetnografia na sala de aula

Este trabalho segue as características da pesquisa qualitativa etnográfica, que consiste em registrar, pesquisar e analisar problemas sociais encontrados em uma comunidade. De acordo com Bortoni-Ricardo (2008), o objetivo da pesquisa qualitativa, especialmente a etnografia, é desmistificar as ideologias presentes no cotidiano da sociedade, principalmente quando se trata do ambiente escolar, que é um espaço coletivo formativo onde as pessoas podem adquirir conhecimentos construtivos ou desconstrutivos sobre diversas ideologias. No caso dos estudantes do Colégio Estadual Calunga I (antiga sede), provenientes da Fazenda Coco, estamos analisando o processo de transição da oralidade para a língua padrão.

Por se tratar de um trabalho que envolve a comunidade e o ambiente escolar, é de grande importância que o resultado final seja devolvido à sala de aula para que outros estudantes e professores tenham a oportunidade de conhecer mais sobre as variações linguísticas e como não permitir que o ensino da gramática escolar padronizada interfira na valorização da cultura linguística de um povo.

Segundo Bortoni-Ricardo (2008), é importante que o pesquisador reflita sobre diferentes temas para escolher um deles e avaliar a importância desse tema para sua pesquisa. A partir de leituras ou experiências vividas em uma determinada comunidade, o pesquisador pode levantar perguntas exploratórias

que provoquem nos leitores uma reflexão sobre os problemas ou assuntos tratados na pesquisa.

Neste trabalho, verificamos, também, como é o comportamento dos estudantes do 6º ano do ensino fundamental matriculados no Colégio Estadual Calunga I e analisar como é o processo de aceitação e aprendizagem de um modelo linguístico totalmente desconectado da realidade deles. Acreditamos que, com a exposição deste trabalho perante a sociedade, os leitores, especialmente os professores, refletirão e buscarão estratégias e metodologias de ensino da língua oferecida pela escola sem silenciar a língua materna do estudante.

Para realizar este trabalho, seguimos as características das pesquisas qualitativas etnográficas, abordando alguns conceitos dessas duas vertentes e registrando e analisando as variações do português padrão brasileiro encontradas dentro da sala de aula. Segundo Cook-Gumperz (1987, *apud* Bortoni-Ricardo, 2005), essa vertente de pesquisa estuda fenômenos linguísticos em ambientes escolares, buscando responder a questões educacionais. As formas linguísticas interessam à pesquisa na medida em que permitem identificar, nos eventos em sala de aula, especialmente, a compreensão que os estudantes atingem, situando o contexto social da cognição, onde a fala é o elo entre o cognitivo e o social.

Seguindo os conceitos etnográficos para execução deste trabalho, analisamos e registramos as variações linguísticas dos estudantes oriundos da Fazenda Coco. A pesquisa qualitativa etnográfica oferece instrumentos tecnológicos para geração de dados, como gravadores, filmadoras, entre outros. No caso desta pesquisa, optamos pelo mesmo método utilizado por Fernandes (2015) para registrar as conversas espontâneas, ou seja, foi escolhido registrar no papel.

A escolha do registro dos dados em papel se deve à dificuldade dos estudantes ao se expressarem diante de uma câmera de celular ou um gravador. Outro fator que contribuiu para a escolha é que seria impossível gravar os eventos, já que não tinham um roteiro de perguntas para realização de entrevistas. Então, dia após dia, surgiam dados, e imediatamente os registrávamos no caderno, algo mais confortável para os estudantes do que um

gravador.

Para a geração de dados para a pesquisa, observamos o dia a dia dos estudantes em sala de aula e analisamos quais assuntos provocavam mais interesse e participação nos debates. Alguns assuntos eram iniciados pelo professor propositalmente para que eles se sentissem à vontade ao se expressar com seus colegas e o próprio educador. Assuntos relacionados à vivência dos pesquisados, como pescaria, plantação de roças, festas, músicas e folias, foram instigados para contribuir com a geração de dados para a pesquisa. Além disso, o campinho de futebol, espaço na maioria das vezes composto apenas por estudantes, possibilitou o uso do linguajar materno sem a exigência de um monitoramento linguístico, e principalmente sem a presença de um professor para estar cobrando deles esse aperfeiçoamento comunicativo.

A cada variante do português padrão brasileiro encontrada, imediatamente registramos no caderno de anotações de pesquisa. Na minha opinião, se tivéssemos elaborado um roteiro com perguntas específicas para gerar dados, não seria possível alcançar os resultados obtidos com este método que escolhi, pois, por serem tímidos, haveria uma resistência em participar da pesquisa, alegando que não saberiam responder às perguntas. Deixando bem claro que esta pesquisa não foi feita às escondidas, sem que os educandos soubessem que estavam sendo pesquisados, mas de maneira diferente, sem a necessidade de responder perguntas.

Assim, esses dois ambientes foram cruciais para a geração de dados para realização da pesquisa.

2.4 A etnografia

A etnografia é a especialidade da antropologia que permite a interação entre pesquisador e contexto de pesquisa no desenvolvimento de pesquisas científicas, especialmente nas comunidades localizadas no campo. Para a realização desta pesquisa, recorri aos conceitos etnográficos para analisar e descrever os costumes e o modo de vida dos pais e estudantes do Colégio Estadual Calunga I (antiga sede), registrando principalmente a variedade linguística dos educandos.

Segundo Oliveira (2022), o que caracteriza a cultura de um grupo de pessoas é justamente o modo peculiar como vivem e representam seus hábitos, suas crenças, costumes, comportamentos e produção material. Para pesquisar e registrar todo esse conjunto de características que define a cultura de um povo, o pesquisador recorre aos conceitos etnográficos para a geração dos dados e execução da pesquisa.

De acordo com Oliveira (2022), os estudos etnográficos surgiram como uma resposta às pesquisas sociais do final do século dezenove e início do século vinte, consideradas inadequadas ou insuficientes porque não descreviam em detalhes como as pessoas realmente viviam. A etnografia implicitamente protege as comunidades tradicionais isoladas e resguarda os conhecimentos globalizados de pesquisadores que, em tempos passados, não conheciam a realidade de um determinado povo e, mesmo assim, elaboravam trabalhos científicos sem ter visitado aquela localidade específica, gerando dados muitas vezes não verídicos sobre a cultura de uma determinada etnia, ou seja, a história era contada pelo lado de fora do contexto.

Por muito tempo, as pessoas da comunidade Kalunga Vão de Almas foram “objeto” de pesquisa para muitos universitários da zona urbana. Com a criação de políticas públicas voltadas para a inclusão social de pessoas autodeclaradas negras, indígenas, ribeirinhas e quilombolas, as universidades estaduais e federais se tornaram acessíveis para cursar o ensino superior, saindo do posto de pesquisados e se tornando pesquisadores e narradores de nossa própria história.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2005), na pesquisa etnográfica, ao contrário de pesquisas que seguem outras metodologias, ou mesmo outros paradigmas, não há uma divisão rígida entre a fase inicial de observação para coleta de dados e a fase de análise.

2.5 Autoetnografia

A autoetnografia é a especialidade que permite ao pesquisador narrar fatos do cotidiano de uma população na qual ele é autor e personagem de sua própria história, registrando a cultura do seu povo através das narrativas.

Para Oliveira (2022), há várias definições para a autoetnografia. Algumas

definições partem das características linguísticas desse gênero, então, nessa visão, a autoetnografia seria um relato autobiográfico de escrita e pesquisa que apresenta diferentes estágios de consciência, ligando o pessoal ao cultural. A autoetnografia é um método que pode ser usado na investigação e na escrita, já que tem como proposta descrever e analisar sistematicamente a experiência cultural (Ellis, 2004).

Pensando autoetnograficamente, nós quilombolas em geral dos municípios de Cavalcante, Teresina e Monte Alegre de Goiás não precisamos de pessoas de fora para compartilharmos nossa cultura por meio da escrita. O curso de Educação do Campo, oferecido principalmente nos campi de Planaltina-DF e Arrais-TO, é composto pela maioria dos estudantes quilombolas desses três municípios e Flores de Goiás. Portanto, é indiscutível que o território quilombola está repleto de um grande número de pesquisadores, sendo eles graduandos, mestrandos e doutorandos. Convenhamos que temas diversificados para pesquisa já surgiram contemplando diferentes áreas do ramo das ciências humanas, sociais aplicadas e linguística.

O ponto positivo em termos de uma grande quantidade de universitários e egressos quilombolas da Educação do Campo é que, nas entrevistas para geração de dados, não serão apenas perguntas do pesquisador com o intuito de obter respostas do pesquisado. Nesse momento, acontecerá uma interação e trocas entre conhecimentos tradicionais e científicos. Tradicional por se tratar de saberes locais passados de geração em geração, e científico pelo fato do pesquisador autoetnográfico ter cursado um ensino superior em uma universidade, estando dotado de conhecimentos baseados nos preceitos da gramática padronizada escolar e universitária.

2.6 Etnografia Educacional

Para Bortoni-Ricardo (2005), o objetivo da pesquisa etnográfica de sala de aula é revelar o que está dentro da "caixa preta" na rotina dos ambientes escolares, identificando processos que, por serem rotineiros, tornam-se invisíveis para os atores que deles participam

No contexto desta pesquisa realizada em sala de aula, o objetivo é alcançar resultados que vão além do ambiente escolar, preparando e

desmistificando ideologias inicialmente implantadas na escola e posteriormente na sociedade urbana.

O preconceito linguístico atribuído às falas dos quilombolas da Comunidade Kalunga Vão de Almas passa por dois momentos: o momento escolar e o social. No ambiente escolar, ocorre quando o professor classifica a fala do estudante como certa ou errada. O segundo momento acontece quando o adolescente começa a ter contato com outras pessoas que possuem um repertório linguístico mais próximo da língua ensinada nas escolas, e o mesmo faz piadas do tipo "o pessoal da roça não sabe falar direito". Neste momento, o estudante que teve sua língua materna considerada errada pelo professor na fase de formação estudantil sentirá-se excluído nos momentos de interação comunicativa com pessoas da zona urbana.

Por muito tempo, o quadro de professores das escolas estaduais do território kalunga era composto por educadores da zona urbana, os quais não tinham conhecimento em relação à cultura local. O acesso à universidade era limitado ou impossível, portanto o corpo docente oriundo da cultura branca não tinha preparo e nem qualificação para trabalhar com um povo que pouco se relacionava com outras etnias. Assim, a língua considerada correta era ensinada de forma opressora, silenciando a língua materna local e gerando uma insegurança comunicativa durante o período estudantil e futuramente na fase adolescente e adulta.

Segundo Bortoni-Ricardo (2005), pesquisas etnográficas em sala de aula, no Brasil e em outros países (Estados Unidos, Canadá, Reino Unido, Austrália, entre outros), têm mostrado que os professores que não administram bem os turnos de fala têm menos chances de obter bons resultados em seu trabalho pedagógico. Entende-se que a sala de aula não é um espaço onde apenas o professor é detentor e transmissor dos conhecimentos. Se o educador não buscar estratégias para utilizar os conhecimentos culturais tradicionais, mesmo que na oralidade dos estudantes, dificilmente terá a participação dos educandos em sala de aula.

2.7 Contexto de Pesquisa

Esta pesquisa foi realizada com estudantes com idade entre dez (10) e quinze (15) anos, do Colégio Estadual Calunga I, antiga sede, localizado na Comunidade Calunga Vão de Almas, Fazenda Coco.

A Comunidade Kalunga Vão de Almas está situada no município de Cavalcante, Goiás, a 80 quilômetros da cidade, abrigando aproximadamente dezessete (17) famílias. A Comunidade Kalunga Vão de Almas é dividida em fazendas, e cada localidade apresenta um perfil social, econômico e linguístico diferente. Ao descrever os moradores da Fazenda Coco, estamos refletindo a realidade de muitas regiões no Brasil, onde se faz necessário o desenvolvimento de políticas públicas governamentais para combater pelo menos o semianalfabetismo. De fato, dez (10) das dezessete (17) famílias não sabem nem assinar o próprio nome, nem lembram a data de nascimento, e muito menos sua idade.

Ao pesquisar esta região desde a graduação entre 2014 e 2015, foi possível perceber que essas pessoas não se sentem importantes e inseridas na sociedade como sujeitos capazes de se transformar. Estão acomodadas em seus modos de vida. A preocupação aumenta quando uma de suas falas é: "Meus filhos não precisam estudar, pois meus avós e meus pais não estudaram e estamos vivendo tranquilos".

Como professor dos filhos desses indivíduos que pensam dessa forma, precisamos buscar estratégias motivadoras para desmistificar essa ideologia de que não é necessário estudar para sobreviver. O mestre em sala de aula deve estar preparado para incentivá-los a estudar sem criar conflitos entre a importância dos estudos e seu modo de vida tradicional.

Antigamente, essas pessoas viviam das plantações de roças de subsistência, sem nenhum apoio social. Passavam por necessidades econômicas e, conseqüentemente, a falta de comida era constante. Dependiam das chuvas para obter boas colheitas, mas nem sempre os objetivos eram alcançados, seja por excesso ou falta de chuvas.

Caso uma plantação não desse resultado e não houvesse ajuda governamental, a situação se tornava precária. Nenhum morador tinha

condições de pagar diárias como as que são oferecidas hoje em dia. Tudo era baseado em trocas: por exemplo, quando um produtor abatia um animal, a população local não tinha como pagar pela carne, então trocavam carne por cana-de-açúcar, mandioca, arroz, entre outros.

As primeiras ajudas governamentais surgiram em meados dos anos 2000, com um auxílio no valor de 40 reais e o chamado bolsa escola, cujo valor era de 75 reais. Com esses recursos, eram realizadas as despesas alimentícias, compravam-se materiais escolares e roupas.

Mesmo com os auxílios recebidos hoje em dia, ainda existem famílias que não têm condições de oferecer aos seus membros um café da manhã; ou seja, apenas duas refeições são feitas durante o dia e a noite. O curioso é que tanto os adultos quanto as crianças e jovens da Fazenda Coco já se acostumaram com a falta de algumas refeições, e ao amanhecer contentam-se com alguns frutos do cerrado, como mangabas, cajus, manga, entre outros.

A localidade de origem dos pesquisados é composta por pessoas que apresentam, de modo notório em seus trajes e moradias, uma inferioridade financeira em comparação com as demais fazendas que compõem a Comunidade Kalunga Vão de Almas.

Devido à falta de informações e políticas públicas específicas voltadas para o desenvolvimento das comunidades tradicionais, as pessoas acabam se contentando com o que têm, sem perspectiva de melhorias de vida. Isso leva essas famílias a não terem desenvolvimento intelectual e a conhecerem novos ambientes e pessoas. Conseqüentemente, acabam relacionando-se e casando-se com primos, por falta de oportunidades de conhecer pessoas novas.

Diante do exposto, após contextualizar o local da pesquisa, passemos a seguir para as perguntas e objetivos da pesquisa:

2.2 Perguntas Exploratórias

- ❖ Qual é o perfil sociolinguístico dos estudantes do 6º ano do Colégio Estadual Calunga I (antiga sede) oriundos da Fazenda Coco?
- ❖ Qual é a variação linguística dos estudantes do 6º ano do Colégio Estadual Calunga I (antiga sede) moradores da Fazenda Coco?

- ❖ Como se dá o processo de transição da língua materna para a norma padrão dos estudantes do 6º ano do Colégio Estadual Calunga I (antiga sede) vindos da Fazenda Coco?

2.3 Objetivo Geral:

Investigar o processo de transição da oralidade da língua materna para a norma padrão e o processo de letramento entre a variedade falada e a norma padrão dos estudantes do 6º ano do Colégio Estadual Calunga I (antiga sede), moradores da comunidade quilombola Kalunga Vão de Almas, município de Cavalcante, Goiás, Fazenda Coco.

2.3.1 Objetivos Específicos

- ❖ Mostrar o perfil sociolinguístico dos estudantes do 6º ano do Colégio Estadual Calunga I (antiga sede) oriundos da Fazenda Coco.
- ❖ Registrar a variação linguística dos estudantes do 6º ano do Colégio Estadual Calunga I (antiga sede) moradores da Fazenda do Coco.
- ❖ Analisar como se dá o processo de transição da língua materna para a norma padrão dos estudantes do 6º ano do Colégio Estadual Calunga I (antiga sede) vindos da Fazenda Coco.

Neste capítulo, foi detalhado o percurso metodológico utilizado nesta pesquisa, centrado em (auto)etnografias e narrativas. Através da descrição e análise das autoetnografias realizadas pelo pesquisador e das narrativas históricas compartilhadas pelos membros mais velhos da comunidade Kalunga Vão de Almas, residentes na Fazenda Coco, será possível compreender a importância desses registros na preservação das memórias e tradições dos antepassados, constituindo-se como um meio essencial de transmissão cultural e histórica em uma comunidade onde muitas vezes não existem registros escritos sobre os eventos narrados. Discutimos como essas narrativas e registros contribuem para a compreensão da identidade cultural e linguística da comunidade, além de auxiliar na construção do contexto sociolinguístico no qual a pesquisa está inserida.

CAPÍTULO III

SOCIOLINGUÍSTICA E OS CONTÍNUOS DE URBANIZAÇÃO, DE ORALIDADE-LETRAMENTO E DE MONITORAÇÃO ESTILÍSTICA

Neste capítulo, adentramos nos fundamentos da sociolinguística, que desempenham um papel fundamental no desenvolvimento deste trabalho. Utilizaremos como base as contribuições de renomados autores, tais como Labov (2008), Bagno (2007, 2017), Vellasco e Sousa (2007), Sousa (2023) e Bortoni-Ricardo (2004, 2005, 2008, 2014), entre outros. Por meio desses conceitos, exploraremos os contínuos de urbanização, oralidade-letramento e monitoração estilística, que são essenciais para compreendermos as dinâmicas linguísticas presentes na comunidade estudada.

3.1 Caminhos da Sociolinguística

Segundo Vellasco e Sousa (2007), o pleno domínio da língua materna possibilita ao sujeito a participação na sociedade, contudo, dependendo da variedade linguística não ser de prestígio, a pessoa sofre preconceito linguístico, algo presente no dia a dia dos estudantes oriundos da Fazenda Coco.

Para Gonçalves (2015), a língua é um instrumento que possibilita aos indivíduos se comunicarem, expressarem suas ideias. Se pensarmos na língua, chegaremos à conclusão de que sem ela o mundo teria outros rumos, seria um mundo mudo, sem voz, sem comunicação, sem ideias inovadoras.

No ambiente escolar, a língua é o elo para a transmissão dos conhecimentos e a interação entre professor e alunos. Segundo a experiência de Gonçalves (2015), ao relacionarmos língua mais a sociedade mais a cultura, o resultado é a identidade caracterizada pela língua, sendo possível notar a identidade de um povo no modo de falar e em sua cultura.

Portanto, a importância da qualificação dos professores é evidente para que busquem novas estratégias para o ensino da gramática do português brasileiro (Bagno, 2017). Dependendo da forma como é apresentada e transmitida em sala de aula para os estudantes, pode surgir um trauma

linguístico, resultando no apagamento da identidade de um povo através da língua.

Os educandos têm o direito de aprender as duas vertentes linguísticas para se comunicar: a língua falada e a língua escrita. Conforme Vellasco e Sousa (2007), a linguagem e a sociedade estão em um processo dialético constante, pois o sujeito está inserido na sociedade, cuja linguagem é o instrumento de construção do conhecimento desse sujeito social.

O ambiente escolar, ou seja, a sala de aula, é o espaço onde ocorre o aprimoramento linguístico. Ao ingressar na escola, o objetivo é que, ao sair, os alunos saibam se auto monitorar em relação ao uso da língua perante a sociedade.

Baseando-nos em Bortoni-Ricardo (2014), a sociolinguística é o ramo das ciências que estuda um conjunto de línguas e variações linguísticas que existem na sociedade, bem como a relação que envolve língua, sociedade e cultura. A sociolinguística tem o papel de investigar o conjunto de variações e variedades linguísticas e suas mudanças ao longo do tempo, sendo, assim, uma vertente multidisciplinar que servirá de base teórica para esta pesquisa estabelecida na Comunidade Vão de Almas - Fazenda Coco.

Para detalhar mais a sociolinguística, faremos uma breve resenha de suas vertentes, que serão utilizadas neste trabalho.

3.2 Sociolinguística da Variação

Labov (2008) evidencia que a sociolinguística variacionista, desde seu início, tem mostrado a marca dos conflitos políticos e ideológicos e como é um ramo de estudo capaz de suprimir a deficiência verbal das classes sociais desfavorecidas. Um exemplo claro realizado por este pesquisador foi sua pesquisa com os negros dos Estados Unidos que, por meio de dados empíricos, mostra a lógica gramatical inegável do dialeto considerado não padrão, ou seja, da forma de falar das comunidades excluídas do poder e do controle social.

Além disso, Calvet (2002) expande esse entendimento ao destacar que a sociolinguística variacionista não só descreve e analisa as variações linguísticas,

mas também busca compreender os processos sociais que influenciam e são influenciados pela variação linguística. Nesse sentido, a pesquisa sociolinguística não se limita apenas a identificar os padrões linguísticos, mas também a investigar os fatores sociais, culturais e históricos que moldam esses padrões.

Desse modo, percebemos a necessidade de desenvolver pesquisas que contribuam para a potencialização e o fortalecimento da equidade racial, principalmente no âmbito escolar, pois a língua também faz parte da identidade cultural de um grupo social. Assim, ao desenvolver este estudo, fica evidente que ele contribuirá para o fortalecimento da cultura quilombola nas escolas públicas, ao mesmo tempo que se combate às desigualdades sociais, para, assim, poder avançar na construção da equidade racial nesses ambientes escolares, uma vez que a língua é um fator fundamental num grupo social para a promoção de sua identidade cultural e histórica.

Para Bakhtin (2003), todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua no contexto social. Burke (1995) ressalta que “a língua é uma força ativa na sociedade, um meio pelo qual indivíduos e grupos controlam outros grupos ou resistem a esse controle, um meio para mudar a sociedade ou para impedir a mudança, para afirmar ou suprimir as identidades culturais”. Nesse sentido, ao pesquisar trabalhos que evidenciem a relevância das variantes linguísticas faladas no Brasil, contribui-se também para a equidade de socioletramento (Sousa, 2023) entre as classes sociais brasileiras.

3.3 Sociolinguística Educacional

Bortoni-Ricardo (2005) argumenta que a questão que devemos levantar não é se as escolas são eficientes veículos de transmissão da língua padrão, mas, mais especificamente, se elas contribuem para que os alunos adquiram os estilos formais da língua. Nesse sentido, o papel do professor em sala de aula é crucial, pois cabe a ele apresentar aos estudantes os diversos caminhos que a língua oferece, bem como as exigências a serem seguidas durante os momentos de interações comunicativas. Isso possibilita que os estudantes/falantes possam, no futuro, alternar conscientemente sua maneira de pronunciar as palavras,

considerando o nível de exigência de monitoramento linguístico requerido pelo ambiente comunicativo.

Há pesquisadores que argumentam que o uso da língua materna em sala de aula não contribui para a formação e aprendizagem dos estudantes, e que o ensino da gramática colonizada, como é comumente praticado nas escolas, é prejudicado por interferências do linguajar tradicional. Por outro lado, outros pesquisadores, como Bortoni-Ricardo (2005), defendem que, na história recente da pesquisa sobre dialetos e educação, o uso de dialetos foi recomendado como uma estratégia de transição.

No caso desta pesquisa, desde o início, baseamo-nos nos conceitos de pesquisa sociolinguística de Bortoni-Ricardo, especialmente no contexto da pesquisa em sala de aula. Por ser uma pesquisa autoetnográfica que ocorreu dentro da sala de aula, foram registradas variantes do português padrão brasileiro durante as interações verbais dos estudantes. O objetivo foi analisar, por meio de conversas espontâneas e textos escritos, o processo de transição da oralidade da língua materna para a norma padrão ensinada na escola, observando os estudantes do Colégio Estadual Calunga I, antiga sede. Este trabalho promove o diálogo entre professores e alunos utilizando a língua representante da cultura local, mas com a consciência de que, no momento da escrita, a língua a ser seguida é considerada padrão e ensinada nas escolas.

No ambiente escolar e na sociedade em geral, não há distinção entre língua escrita e língua falada/oralidade materna. Elas se relacionam durante as interações comunicativas e só se distanciam quando, durante a fala, o falante se autorregula de acordo com as características do público presente.

A língua é o instrumento que possibilita a comunicação e interação entre os sujeitos. Portanto, é inaceitável que uma parte da sociedade condene as pessoas que pronunciam as palavras de forma diferente da norma padronizada brasileira. Nesse sentido, é fundamental que o currículo escolar brasileiro, mesmo que não ofereça disciplinas específicas voltadas para o ensino das variedades linguísticas existentes no país, contemple habilidades e conteúdos que abordem o repertório linguístico encontrado no Brasil.

3.4 Variedade Linguística

Partindo da noção de heterogeneidade, a sociolinguística afirma que toda língua é um feixe de variedades linguísticas (Bagno, 2007). Conforme Gonçalves (2015), por experiências vividas em conversas com idosos, é possível perceber que mesmo nos dias atuais, na comunidade Vão de Almas – Fazenda Coco, isolada, e com pouco contato com a cidade, as variedades linguísticas ainda são presentes em suas falas, já que nunca frequentaram uma escola. Assim, o linguajar mais antigo ainda prevalece, não de forma constante, mas em meio a conversas, surgem expressões frequentemente utilizadas no passado.

Sendo assim, classificamos as variedades linguísticas dentro da sociolinguística, conforme Bagno (2007, 2017), da seguinte forma:

3.4.1 Dialeto: tem como finalidade observar o modo característico de uso da língua em determinado lugar ou região.

3.4.2 Socioleto: nós, quilombolas de diferentes comunidades, temos características quase idênticas no modo de falar, devido à convivência na mesma comunidade, onde aprendemos uma língua que 90% das pessoas falam; os outros 10% utilizam uma fala mais monitorada. Apesar das tentativas da escola em mudar essa realidade, o tempo de convivência com a língua materna é maior do que o tempo em que os alunos passam na escola.

3.4.3 Cronoleto: designa a variedade própria de determinada faixa etária ou geração de falantes.

3.4. 4 Idioleto: “designa o modo de falar característico de um indivíduo”, ou seja, a maneira como cada pessoa pronuncia as palavras. Por exemplo, no Brasil, existem dois tipos de comunicação linguística: a língua falada e a língua escrita. Cada indivíduo faz uso da língua conforme julga melhor; alguns usam uma linguagem mais monitorada, enquanto outros falam da mesma maneira que toda a comunidade fala (Gonçalves, 2015).

3.4 Variação Sociolinguística

Para abordar este tópico, recorreremos a Bagno (2007) e Bortoni-Ricardo (2004).

3.4.1 Variação Diatópica: é aquela que compara os modos de falar de lugares diferentes. Por exemplo, os estudantes do Colégio Estadual Calunga I, provenientes da Fazenda Coco, com os demais estudantes de outras fazendas; ou os estudantes da comunidade Kalunga Vão de Almas com os da zona urbana.

3.4.2 Variação Diastrática: é aquela que verifica o modo de falar das pessoas de diferentes classes sociais. Por exemplo, os alunos do Colégio Estadual Calunga I são de famílias diferentes, algumas com melhores condições financeiras do que outras. Portanto, é perceptível o nível de monitoramento na comunicação dos alunos cujos pais possuem melhor poder econômico em comparação aos alunos cujos pais não têm uma boa condição financeira.

3.4.3 Variação Diamésica: tem a função de analisar as diferenças entre a língua falada e escrita, ou seja, os dois modos de comunicação por meio da escrita e da fala, conforme os gêneros discursivos do contexto de interação social.

3.4.4 Variação Diafásica: é o monitoramento que cada indivíduo faz conforme exigido pela situação linguística, como em debates políticos, em sala de aula ou em reuniões comunitárias. São ambientes que requerem um grau de monitoramento para se adequar às características de cada evento.

3.4.5 Variação Diacrônica: verifica as mudanças na língua ao longo do tempo, como por exemplo, os jovens quilombolas não pronunciam as palavras da mesma forma que seus avós pronunciavam.

3.5 Variação Linguística

Com base em Bagno (2007), resultado do trabalho de Labov (2008), Gonçalves em sua monografia (2015) aborda a questão da variação linguística, fornecendo exemplos da Comunidade Vão de Almas – Fazenda Coco, dado que é um pesquisador nativo dessa localidade.

A variação linguística é apresentada em diversos níveis. No nível

fonológico, por exemplo, observa-se o "r" caipira e o "s" chiado dos cariocas e dos goianos quilombolas. Essas diferenças presentes nas falas de pessoas de diferentes localidades fazem parte do nível fonológico da variação linguística, como destacado por Gonçalves (2015).

No nível morfossintático, frequentemente, por analogia, algumas pessoas conjugam verbos irregulares como se fossem regulares. No caso dos estudantes da Fazenda Coco, eles têm o costume de não pronunciar os verbos de acordo com a norma padrão brasileira. No entanto, em relação à concordância entre sujeito e verbo, essa norma não é seguida de forma monitorada (Bortoni-Ricardo, 2004). Exemplo: "Nós fez a atividade".

No nível lexical, algumas palavras são empregadas em um sentido específico de acordo com a localidade. Por exemplo, em gírias, "mina" significa garota ou menina; na linguagem caipira, "trem ajeitado" significa boniteza ou beleza. Na Fazenda Coco, "infuluido" significa estar afim de alguma coisa. Essas são algumas das variações do vocabulário que ocorrem no Brasil.

A variação estilística, por sua vez, refere-se à variação na escolha de palavras, estruturas de frases e expressões linguísticas de acordo com o contexto comunicativo, estilo ou registro de linguagem. Ela pode incluir desde variações formais, como o uso de linguagem culta em situações formais, até variações informais, como o uso de gírias e expressões coloquiais em contextos mais descontraídos.

3.6 Contínuos de análise das variedades linguísticas

Bortoni-Ricardo (2004) propõe uma classificação dos contínuos de análise das variedades linguísticas brasileiras em três linhas distintas: urbanização, oralidade-letramento e monitoração estilística. Cada uma dessas categorias apresenta características específicas que desempenham um papel fundamental na identidade linguística de uma comunidade por meio de sua linguagem falada. Além disso, a teoria dos contínuos de oralidade/letramento; rural/urbano e monitoramento estilístico (BORTONI-RICARDO, 2004) define as variações em três extremos: as variedades rurais isoladas, as variedades urbanas e as

variedades rurbanas.

Segundo Bortoni-Ricardo (2004a) à medida que o tempo avança, a população brasileira expande-se consideravelmente, acompanhada por um intenso fluxo migratório do campo para as áreas urbanas. Com base nessa realidade, Bortoni-Ricardo (2004a) propõe o **contínuo de urbanização** como uma estrutura conceitual para situar todos os falantes do português brasileiro, levando em consideração tanto a região de origem quanto as características e histórico pessoais de cada indivíduo. Neste continuum, a autora estabelece um contraste entre os dialetos rurais mais isolados, devido às dificuldades geográficas, e os dialetos urbanos que foram influenciados, ao longo do processo socio-histórico, por "agências de padronização da língua" (BORTONI-RICARDO, 2004a, p. 52), tais como a escola, os meios de comunicação de massa e a literatura.

Bortoni-Ricardo (2004a) sugere a existência de um segundo *continuum*, que abrange os eventos de comunicação, englobando tanto os eventos de oralidade quanto os de letramento (. Os eventos de oralidade, neste contexto, são caracterizados pela ausência de influência da língua escrita e se manifestam como práticas sociais variadas, apresentando-se em uma diversidade de formatos textuais. Estes podem assumir tanto uma natureza formal quanto informal, dependendo do contexto específico em que ocorrem. Esses eventos de comunicação oral são moldados pela interação social e podem ocorrer em uma ampla gama de contextos, desde conversas cotidianas até situações formais de apresentação e debate. Eles refletem a riqueza e a complexidade da linguagem falada, evidenciando a diversidade de formas de expressão e a adaptação da linguagem às necessidades comunicativas e aos contextos sociais específicos.

Em relação aos contínuos de oralidade e letramento, Bortoni-Ricardo (2004) argumenta que não há fronteiras entre esses eventos. É o texto escrito que diferencia os eventos, dependendo da situação de interação. Portanto, ao analisar o processo de transição da oralidade da língua materna para a norma padrão dos alunos do 6º ano do Colégio Estadual Calunga I (antiga sede), nosso objetivo não é valorizar uma língua em detrimento da outra, mas sim destacar a importância de cada uma delas nos processos de comunicação social. Desenvolvendo a consciência valorativa das línguas faladas e apresentando aos alunos a vertente linguística padronizada ensinada nas escolas, baseada na

língua escrita, eles terão a noção de que estilo de linguagem utilizar em diferentes contextos de comunicação.

O terceiro e último *continuum*, conforme proposto por Bortoni-Ricardo (2004a), abrange uma ampla gama de interações linguísticas, desde aquelas que são totalmente espontâneas até aquelas que são cuidadosamente planejadas e demandam uma maior atenção e monitoramento por parte do indivíduo. Nesses casos, os falantes adaptam suas estruturas linguísticas de acordo com as exigências específicas da situação. Bortoni-Ricardo (2004a) destaca que existem três principais fatores que motivam os falantes a ajustar seu estilo de fala: o contexto em que se encontram, o interlocutor com quem estão se comunicando e o assunto da conversa, que pode variar entre temas cotidianos e termos mais técnicos. De modo complementar, de acordo com Costa e Sousa (2016), a monitoração estilística varia conforme a situação, exigindo que o falante esteja atento e planeje sua fala de acordo com seu interlocutor.

É importante ressaltar que os alunos do Colégio Estadual Calunga I não estão fixos em uma única posição nos contínuos, pois esses são dinâmicos e podem variar ao longo do tempo. À medida que os alunos transitam por diferentes contextos, como mudar-se para a cidade ou frequentar a escola, sua localização nos contínuos pode mudar significativamente. Como veremos adiante, os estudantes do Colégio Estadual Calunga I (antiga sede) são predominantemente situados no primeiro extremo das variações, representando as variedades rurais isoladas. Essa classificação engloba indivíduos que, em sua maioria, não têm acesso às mesmas oportunidades e informações que aqueles que vivem em áreas urbanas.

CAPÍTULO IV

DA TRANSIÇÃO DO ORAL PARA O ESCRITO: NARRATIVAS, FALAS ESPONTÂNEAS E TEXTOS ESCRITOS

Este capítulo está estruturado em quatro partes distintas, cada uma delas direcionada para responder às questões de pesquisa por meio da análise dos dados coletados. Essas questões foram transformadas em tópicos para facilitar a compreensão e a organização da análise.

No primeiro tópico, será delineado o perfil sociolinguístico dos estudantes do 6º ano do Colégio Estadual Calunga I (antiga sede), provenientes da Fazenda Coco. Este registro visa destacar as características dos participantes da pesquisa.

Na segunda parte, será realizada uma investigação sobre a variação linguística presente nos discursos dos estudantes do 6º ano do Colégio Estadual Calunga I (antiga sede), residentes na Fazenda do Coco. O objetivo é apresentar, por meio de falas espontâneas, a variedade linguística vernacular dos participantes da pesquisa, além de uma análise detalhada dos níveis de variação linguística nos dados coletados: fonológico, morfossintático, semântico, lexical e estilístico².

Na terceira parte, será analisada a transição da língua materna para a norma padrão pelos estudantes do 6º ano do Colégio Estadual Calunga I (antiga sede), provenientes da Fazenda Coco. Para isso, serão utilizados dados oriundos de conversas espontâneas e textos escritos pelos estudantes do 6º ano.

² É importante ressaltar que não foi possível identificar a autoria específica de cada fragmento de fala dos participantes, uma vez que foram registrados em diferentes momentos em sala de aula e sem o uso de gravadores, visando evitar qualquer inibição por parte dos participantes. Além disso, os dados foram gerados por um professor nativo da comunidade, que possui conhecimento da variedade linguística vernacular dos participantes da pesquisa.

4.1 O perfil da Comunidade Vão de Almas e perfil sociolinguístico dos estudantes do 6º ano do colégio Estadual Calunga I (antiga sede) oriundos da Fazenda Coco.

No capítulo anterior, registramos a análise sociolinguística proposta por Bortoni-Ricardo (2004), que abrange três contínuos: o contínuo rural-urbano, o de oralidade-letramento e o de monitoração estilística. Na Comunidade Kalunga Vão de Almas o perfil dos estudantes transitam entre três contínuos. Vamos analisar cada um desses contínuos em relação aos exemplos fornecidos nas narrativas e no perfil sociolinguístico dos estudantes, o contexto na qual eles estão inseridos: a comunidade Kalunga Vão de Almas.

4.1.1 Vão de Almas: o Contínuo Rural-Urbano:

A comunidade kalunga do Vão de Almas integra o Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, delimitado pelo governo estadual de Goiás no início da década de 1990. Esse sítio está situado na área da Chapada dos Veadeiros, no nordeste goiano, entre as localidades de Cavalcante, Monte Alegre de Goiás e Teresina de Goiás (Araújo, 2014). Situado em meio a serras de difícil acesso, o quilombo da Comunidade Kalunga do Vão de Almas tem como um dos principais desafios a geografia da região. A estrada que conduz à comunidade é uma via vicinal sem pavimentação asfáltica, predominantemente de terra, apresentando um estado precário de conservação que a torna intransitável para alguns tipos de veículos de menor altura. Contudo, durante esse trajeto desafiador, o relevo e a vegetação proporcionam paisagens encantadoras, exibindo as variações da flora característica do cerrado.

Figura 1: Sítio quilombola Vão de Almas (GO).



Fonte: O autor, 2024.

Figura 2: O pesquisador na quilombola Vão de Almas (GO).



Fonte: O autor, 2024.

O quilombo é caracterizado por uma fauna e flora exuberantes, envolto em mistérios. Entre os contos e enigmas do lugar, um se destaca: o rio que serpenteia os arredores da comunidade. No mapa, é nomeado como Rio das Almas, mas para os kalunga, é apenas o Rio Branco. Essa alteração de nome não é mera coincidência. Conta-se que as águas do rio já testemunharam inúmeras histórias, desde afogamentos até destinos trágicos. Evocar qualquer outro nome, dizem os locais, é uma tentativa de afastar os sinais do infortúnio que parece assombrá-lo.

Figura 3: Rio Paranã.



Fonte: O autor, 2024.

O modo de vida na Comunidade Kalunga é marcadamente rural, com casas espaçadas entre si, construídas principalmente com tijolos de adobe e piso de terra batida, refletindo as condições habitacionais predominantes. As paredes de adobe ecoam a tradição de séculos passados, um símbolo da restênca cultural quilombola. Algumas moradias, no entanto, apresentam estruturas de alvenaria com pisos de cerâmica e paredes pintadas, contrastando com as características seculares do local.

Figura 4: Pesquisador no quilombo Vão de Almas.



Fonte: O autor, 2024.

Figura 5: Plantação de cana-de-açúcar no quilombo Vão de Almas.



Fonte: O autor, 2024.

Com aproximadamente 215 famílias e cerca de 1.075 pessoas, a Comunidade Kalunga do Vão de Almas é reconhecida como o maior quilombo em extensão territorial do Brasil. Sua economia é baseada na troca de produtos, e a comunidade produz quase toda a sua alimentação. As atividades agrícolas, como o cultivo de diversas plantações, são essenciais para o sustento, assim como a comercialização de produtos como carne de gado curraleiro, peixes, milho, mandioca, pequi, laranja, limão, pimenta, entre outros.

Figura 6: Produção da rapadura.



Fonte: O autor, 2024.

Figura 7: Preparação de rapadura artesanal.



Fonte: O autor, 2024.

Figura 8: Gado em Vão de Almas.

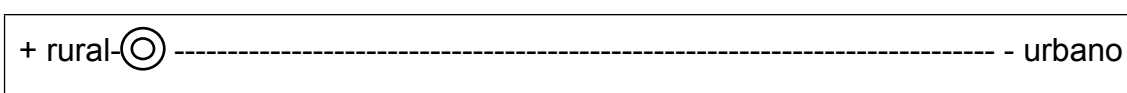


Fonte: O autor, 2024.

As rezas são um elemento intrínseco à vida na comunidade do Vão de Almas. Elas permeiam as tradições festivas e outras práticas religiosas, revelando-se nas celebrações que marcam o calendário anual. Romarias, impérios, festas de santos, manifestações das folias e celebrações noturnas e diurnas são alguns dos eventos que ecoam a fé e a devoção dos moradores. Além disso, as rezas desempenham um papel central em diversas cerimônias religiosas, como novenas, rituais de cura, cerimônias matrimoniais tanto ao ar livre quanto na igreja, velórios, promessas, entre outras. Embora enraizadas no catolicismo, as festividades religiosas no Vão de Almas também refletem influências da cultura afro-brasileira, especialmente através da Sussa, uma dança marcante que complementa os rituais de devoção (Rosa, 2013).

Devido à localização remota em relação à vida urbana, o modo de comunicação na comunidade é predominantemente oral, refletindo um contexto mais rural, com maior ênfase na oralidade e menos monitoramento, o que a distancia do contexto de letramento valorizado socialmente. Nas conversas em sala de aula e espontânea na comunidade, a presença de fenômenos como rotacismo, palatização, apagamento de sílabas, deslateralização e lexicalização evidenciam traços linguísticos descontínuos associados ao português rural de Vão de Almas, o que posicionam os falantes (estudantes do colégio Estadual Calunga I) no pólo rural do contínuo da urbanização.

Esquema 1: Polo rural do contínuo da urbanização.



Fonte: Bertoni-Ricardo, 2004.

Ao examinar as conversas dos habitantes da Fazenda Coco, por exemplo, é possível observar a presença do fenômeno do rotacismo nas pronúncias das palavras. Neste fenômeno, ocorre uma alteração fonética em que o som // é substituído pelo som /r/ em encontros consonantais, como evidenciado em exemplos como "chiclete" pronunciado como "chicrete" e "planta" pronunciado como "pranta". Conforme discutido por Bertoni-Ricardo (2004), essa substituição do // pelo /r/ em grupos consonantais geralmente é observada em falares rurais, mas também pode ser encontrada em falares urbanos, dependendo do nível

educacional, origem geográfica e grau de consciência linguística do falante (Gonçalves et. al, 2020).

Outro fenômeno comum no quilombo, próprio do falar rural, é ocorrência da palatização (t) quando antecedido de (i). Conforme Bagno (xxx), em determinadas variedades (principalmente de falantes menos letrados e/ou rurais) há palatização (t) quando antecedido de (i): muito [muitu], oito[oitu], feito[feitu]. É comum no repertório da comunidade de Vão de Almas a presença de palavras como *peitcha* (peita), *dinoicthão* (*de noitão*), *luitchano* (lutando) *dinoitchu* (*de noite*), *deitchu* (dente) e *muitchu* (muito). A presença desse fenômeno na fala dos estudantes oriundos da Fazenda Coco evidencia traços linguísticos descontínuos associados ao português rural, conforme registros a seguir:

- i. *Peitcha* ni mim, procê vê, vô tirá ocê purriba do pescoçu (Dadas da pesquisa, 2024).
- ii. Momõe chegô da rua *dinoicthão* pescoçu (Dadas da pesquisa, 2024).
- iii. Us mininu tava *luitchano* ontu dinoitchu pescoçu (Dadas da pesquisa, 2024).
- iv. Ocês queta mininu ocês inda quebra o *deitchu* (Gonçalves et. al, 2020).
- v. Condu ieu termina us istudo aqui ieu vô lá pra Goiana. Vô estuda lá, aqui é muitchu ruim (Gonçalves et. al, 2020).

Além da palatização, identificamos na fala dos estudantes o fenômeno da deslateralização. A deslateralização do som [l] em certas posições das palavras, como em "trabalho", "palavra" e "velho", é observada tanto em variedades rurais quanto em rurbanas em todo o Brasil. Em Vão de Almas, essa variação é comum, como exemplificado na seguinte fala: "*papai mandô falá qui num vai trabaiá hoji não*". O apagamento de sílabas, como em "Sá (sua) *mõe falô qui ia viajá nu caminhão dus povo*", também é comum na comunidade, evidenciando a tendência à supressão de certos segmentos sonoros na fala local. Ao analisarmos as falas dos adultos e dos jovens estudantes da Fazenda Coco, notamos que ambos apresentam a supressão de consoantes no início de palavras, como em "ocê" e "cê", usadas para "você", fenômeno conhecido como aférese (Ocê viu fulano donçanu na festa?). Esse fenômeno não se limita às

áreas rurais, pois muitos urbanos também adotam essas formas linguísticas.

Conforme discutido previamente, os fenômenos linguísticos identificados nas falas dos estudantes da Fazenda Coco evidenciam traços distintivos do português rural, reafirmando a riqueza e a complexidade das variedades linguísticas presentes em diferentes contextos sociais. Ao situarmos os estudantes do Colégio Estadual Calunga I na extremidade rural do polo da urbanização, reconhecemos não apenas suas origens geográficas, mas também as influências culturais e históricas que moldam sua forma de comunicação. Essa constatação nos convida a refletir sobre a interconexão entre linguagem, identidade e ambiente social. A variedade linguística presente na Fazenda Coco reflete a diversidade cultural do Brasil e ressalta a importância de se valorizar e preservar as diferentes formas de expressão linguística, contribuindo para uma compreensão mais ampla da sociedade brasileira.

Ao reconhecermos a relevância desses fenômenos linguísticos, não apenas enriquecemos nosso conhecimento sobre a diversidade linguística do país, mas também reafirmamos o direito de todas as comunidades, independentemente de sua localização geográfica, a expressarem sua identidade cultural por meio de sua própria língua.

4.1.2 Vão de Almas: Contínuo Oralidade-Letramento:

Nas festividades e nos causos cotados pelos moradores mais velhos da comunidade Kalunga Vão de Almas, observa-se que os alunos se inserem, predominantemente no contínuo no polo da oralidade do contínuo oralidade-letramento, participando das tradições e histórias transmitidas verbalmente ao longo do tempo.

Em relação às festividades, as expressões culturais dos Kalungas Vão de Almas se manifestam por meio de rezas, folias e festas, transmitidas de forma oral de geração a geração pelos seus antepassados, uma tradição que persiste na comunidade até os dias atuais. Destaca-se a festividade tradicional mais reconhecida na região do Vão de Almas, ocorrendo de 13 a 15 de agosto - a Romaria do Vão de Almas, que inclui missas, batizados, casamentos, forró e folia.

Nas festividades, como a Romaria do Vão de Almas, a oralidade se manifesta de diversas formas, enriquecendo a experiência cultural e religiosa

dos Kalungas. Durante as missas, rezas e cerimônias religiosas, os cânticos são utilizadas para transmitir ensinamentos religiosos, histórias de fé e tradições. Os líderes espirituais e membros mais experientes da comunidade compartilham essas histórias e conhecimentos com o restante dos participantes, utilizando a oralidade como meio de educação e comunicação. Além disso, nas festas e folias que ocorrem durante essas celebrações, as músicas, cantos e danças tradicionais são transmitidos oralmente. As letras das músicas são aprendidas e preservadas sem a necessidade de registros escritos, fortalecendo assim a identidade cultural e a coesão comunitária. Dessa forma, a oralidade permeia todas as atividades e rituais das festividades, servindo como um meio para a transmissão e preservação da cultura, tradições e valores dos Kalungas Vão de Almas.

Figura 9: Império do Divino Espírito Santo na comunidade Kalunga Vão de Almas



Fonte: Rosa (2013, p. 35).

Além das celebrações festivas, a oralidade permeia os relatos transmitidos de geração em geração. Um exemplo é a narrativa do "Negro D'água", que ressalta a importância da tradição oral na comunidade Kalunga.

Quadro 1: Narrativa sobre o "Negro D'água".

Segundo os relatos dos moradores da Comunidade Kalunga Vão de Almas, os pescadores que se aventuravam no rio Paranã enfrentavam uma ameaça misteriosa: os "negros d'água". Estas criaturas, com aparência humana, surgiam em duplas sempre que havia barulho. Um deles mexia na linha do anzol para atrair a atenção do pescador, enquanto o outro contornava pela terra firme, criando um cenário de desconforto que levava o pescador a cair na água. Caso bem-sucedido, o "negro d'água" que provocava a vítima já estava pronto para capturá-la ao cair na água. Relatos contam que até mesmo os canoeiros, ao atravessarem o rio, enfrentaram essas criaturas, sendo obrigados a cortar os dedos do "negro d'água" para evitar que a embarcação afundasse. Com o decorrer do tempo, essas criaturas misteriosas foram desaparecendo, entrando em extinção e tornando-se apenas parte das histórias passadas. Contudo, o debate sobre a veracidade desses eventos persiste entre as gerações atuais da comunidade, alguns defendendo a autenticidade dos relatos, enquanto outros permanecem céticos.

Fonte: O autor (2024), com base nos relatos dos moradores da comunidade.

Conforme mencionado por Carvalho-Santos (2020), a relevância da oralidade na preservação e transmissão dos conhecimentos das comunidades negras rurais é fundamental. Nesse processo, a identidade do povo quilombola é fortemente marcada pela tradição oral e pelo poder da memória. A oralidade serve como canal primordial para as comunidades tradicionais (quilombolas, assentados, ciganos e ribeirinhos), para transmitirem não apenas seus conhecimentos, mas também seus valores e crenças às gerações futuras.

A memória coletiva desempenha um papel crucial nesse processo, permitindo que os mais velhos compartilhem histórias ancestrais, mitos de origem e tradições culturais, essenciais para a preservação da identidade e dos modos de vida dessas comunidades. Dentro desse contexto, memória e tradição oral são intrinsecamente ligadas, atuando como pilares para a coesão social e a continuidade da existência dessas comunidades, servindo como alicerces para a transmissão de conhecimento e pertencimento coletivo (Carvalho-Santos (2020).

Quadro 2: Narrativa sobre a presença Indígenas na Comunidade.

De acordo com os relatos dos mais velhos, durante os anos que remontam a meados de 1920, a presença indígena era uma realidade marcante na Comunidade. Suas silhuetas podiam ser avistadas entre as densas matas, enquanto os sons de seus assobios ecoavam pelo ar, sendo designados pelos Kalungas como "compadres". Aqueles que os insultavam ou menosprezavam, segundo a tradição oral, enfrentavam represálias, muitas vezes na forma de atos de pedradas ao adentrarem a floresta ou mesmo ao saírem à noite nos terreiros. No entanto, mesmo com essas tensões, havia uma faceta de cooperação e intercâmbio entre os dois grupos. Os indígenas, com sua vasta sabedoria das plantas e a constante presença nas matas, participavam de trocas de conhecimento medicinal e alimentar com os quilombolas. Quando solicitados, traziam remédios para os membros da comunidade em necessidade. Os Kalungas, por sua vez, manifestavam gestos de gratidão, deixando alimentos à porta de suas casas durante a noite, encontrando-os no dia seguinte consumidos e, às vezes, com a generosa oferta de caça, como tatus, preás e cutias. Contudo, ao longo do tempo, os indígenas foram gradualmente desaparecendo da comunidade, e hoje em dia, não mais se avistam os "compadres" entre os Kalungas.

Fonte: O autor (2024), com base nos relatos dos moradores da comunidade.

Silva, Florêncio e Pederiva (2019) discorrem sobre a complexa forma de transferência de conhecimento enraizada na tradição oral de origem africana. Esta tradição é um intrincado legado de saberes e práticas, guardados na memória ao longo de inúmeras gerações, mantendo viva a conexão ancestral com as raízes africanas das comunidades afrodescendentes no Brasil. Esta consciência ancestral molda uma maneira única de compreender e interagir com o mundo, contribuindo para a contínua humanização e transmissão da herança ancestral para as gerações futuras (Silva, Florêncio e Pederiva, 2019, p. 204).

Nessas comunidades, a oralidade é o meio fundamental através do qual essas comunidades se estruturam. Por meio da tradição oral, elas preservam não apenas suas tradições e culturas populares, mas também forjam suas identidades. Consequentemente, a educação na tradição oral africana é um processo contínuo e imersivo que permeia todos os aspectos da vida cotidiana

dessas comunidades. Esta educação revela-se constantemente nas práticas laborais, na comunicação verbal, na dinâmica comunitária e nas aspirações para o futuro (Silva, Florêncio e Pederiva, 2019, p. 204).

As narrativas orais compartilhadas pelos mais velhos sobre a Comunidade Quilombola Vão de Almas desempenham um papel fundamental na preservação da história e cultura da comunidade, mantendo viva a tradição oral e o patrimônio cultural do local. Além disso, é interessante notar como a língua materna é valorizada e utilizada de forma espontânea durante esses relatos, demonstrando a importância da linguagem oral na transmissão de conhecimento e identidade cultural. Ao vivenciarem essas narrativas orais, os quilombolas de Vão de Almas e os alunos que transitam pela comunidade se aproximam do polo da oralidade.

+ oralidade--- ◎----- letramento

Essa imersão nas histórias e tradições fortalece os laços comunitários, e enriquece o processo educacional ao proporcionar uma compreensão mais profunda da cultura e identidade quilombola. Dessa forma, a linguagem oral não apenas transmite conhecimento, mas também serve como uma ponte para a preservação e valorização das tradições culturais, promovendo uma conexão mais significativa entre as gerações e garantindo a perpetuação desses saberes ao longo do tempo.

4.1.3 Vão de Almas: Contínuos do Letramento e de Monitoração Estilística:

Na comunidade, a transição entre a língua falada e escrita também é observada, evidenciando a adaptação das tradições orais ao contexto educacional formal. Nesse contexto, os estudantes se aproximam mais do contínuo do letramento e da monitoração estilística ao frequentarem a escola (o Colégio Estadual Calunga I), mantendo, porém, marcas da oralidade em suas produções textuais.

+ oralidade----- ◎----- letramento

Localizado na parte central do quilombo, o Colégio Estadual Calunga I é uma instituição de ensino que desempenha um papel fundamental na

educação da comunidade. Com uma estrutura básica que inclui abastecimento de água, energia elétrica e sistema de esgoto, o colégio busca proporcionar um ambiente propício para o aprendizado e desenvolvimento dos alunos.

Em termos de instalações físicas, o colégio conta com banheiros, cozinha, despensa e dormitório para professores. Além disso, destaca-se a presença do terreirão, uma área destinada à prática desportiva e recreação, que proporciona aos alunos um espaço para atividades físicas e momentos de lazer.

No que diz respeito aos recursos tecnológicos, o Colégio Estadual Calunga I possui uma quantidade limitada de equipamentos, incluindo computadores, impressoras, scanners, DVD players e televisões. Embora esses recursos sejam essenciais para facilitar o processo de ensino e aprendizado, a disponibilidade de salas especializadas, como laboratórios e salas de leitura, é bastante limitada, o que pode impactar na diversidade e qualidade das atividades educacionais oferecidas aos alunos.

Apesar das limitações em algumas áreas, o Colégio Estadual Calunga I continua a desempenhar função essencial na comunidade, principalmente no ensino de língua materna. De acordo com Travaglia (2002, p.17-20), o principal objetivo do ensino da língua materna é primordialmente e essencialmente desenvolver a competência comunicativa, tanto gramatical quanto textual. Isso implica no uso adequado da língua em diferentes contextos de comunicação, bem como capacitar o aluno a dominar a norma culta ou padrão da língua, instruindo-o na variedade escrita. Além disso, busca-se conduzir o aluno ao reconhecimento da língua como uma instituição linguística e social.

Figura 10: Pátio do Colégio Estadual Calunga I



Fonte: O autor, 2024.

Figura 12: Estudante no Colégio Estadual Calunga I



Fonte: O autor, 2024.

Nesse cenário, além de se envolverem com práticas de leitura e escrita, eles adquirem uma consciência linguística mais aprimorada, uma vez que estão imersos em um ambiente mais formal. Apesar disso, ainda mantêm nas conversas informais algumas características marcantes da oralidade típica do ambiente rural, como no texto a seguir, produzido em ambiente de sala de aula.

Quadro 3: Texto produzido pelo estudante Dakari.

Texto do Dakari³:

a comunidade de vão de aluma tem muitas coisa comesa a festa dia does ate dia dezezete a nossa senhora da badia tem riu braco parána ganereira capim buba a nossa comunidade e muito inportante teresia Cavalcante sonos as nossa comunidade de vão de aluma.

Fonte: O autor 2024 .

Analisando o texto de Dakari, percebemos uma falta de domínio da norma padrão da língua escrita. Suas frases são fragmentadas e apresentam erros ortográficos e gramaticais, o que dificulta a compreensão do que está sendo comunicado. Isso sugere uma lacuna no processo de letramento do autor,

³ Os nomes utilizados nos dados da pesquisa são fictícios e foram escolhidos de forma a preservar a identidade dos participantes. Eles têm origem africana, respeitando a cultura e a história das comunidades quilombolas.

evidenciando a necessidade de intervenção educacional para desenvolver suas habilidades de leitura e escrita. Isso evidencia a importância de um ensino que aborde tanto a oralidade quanto a escrita, fornecendo aos alunos as ferramentas necessárias para se tornarem participantes ativos e críticos na sociedade.

No ambiente escolar do Colégio Estadual Calunga I, os alunos se aproximam mais do domínio da leitura e da escrita, com traços ainda presentes da oralidade. Assim, cabe à escola a responsabilidade de escolher os gêneros textuais orais e escritos apropriados para abordar e estudar em sala de aula. Esses gêneros devem refletir a realidade dos alunos, levando em consideração e ampliando seus conhecimentos prévios, capacitando-os para interpretar os diversos textos presentes na sociedade e garantindo o acesso a conhecimentos linguísticos essenciais para a cidadania. Além disso, ao adotar essa abordagem, a escola não apenas prepara os alunos para situações específicas de leitura e escrita, mas também amplia seus conhecimentos, capacitando-os a agir de maneira crítica e democrática em uma sociedade multicultural.

Figura 11: Colégio Estadual Calunga I



Fonte: O autor 2024

Essa é a Unidade escolar onde iniciei meus estudos em janeiro do ano de dois mil (2000), até final de dois mil e seis (2006). Quando me transferi para a cidade para dar continuidade nos meus estudos, pois a está escola só ofertava as primeiras séries do ensino fundamental ao 6º e 7º ano, no modelo supletivo.

Saía de casa todas as manhãs para percorrer 10 quilômetros a pé, enfrentando o sol quente e, durante a estiagem, a sede provocada pela falta de água nos córregos ao longo do caminho.

Figura 13: Casa do morador da Fazenda Coco, cercada por paredes de adobes e coberta por palhas.



Fonte: O autor 2024

Após essa jornada, eu e meus colegas estudávamos no turno matutino em uma sala multisseriada. Ao término das aulas, íamos para o campinho de futebol do Colégio Estadual Kalunga I, um espaço dedicado às atividades de Educação Física e ao lazer dos estudantes. Esses momentos no campinho não apenas nos proporcionavam diversão, mas também contribuíam para a integração como comunidade escolar.

Figura 12: Campinho do Colégio Estadual Calunga I



Fonte: O autor 2024

Como visto na presente seção, a transição entre a oralidade e a escrita é um processo complexo que envolve a adaptação das tradições orais ao contexto educacional formal. Nesse sentido, o papel da escola é fundamental para o desenvolvimento das competências linguísticas e estilísticas dos estudantes, aproximando-os do contínuo do letramento. Nessa seção, vimos o papel do Colégio Estadual Calunga I nesse processo de transição, considerando sua infraestrutura, abordagem pedagógica e desafios enfrentados pelos alunos.

O Colégio Estadual Calunga I, localizado na parte central do quilombo, desempenha um papel essencial na educação da comunidade. Sua infraestrutura básica inclui abastecimento de água, energia elétrica, sistema de esgoto, banheiros, cozinha, dormitório para professores e um terreirão destinado à prática desportiva e recreação dos alunos. No entanto, a disponibilidade limitada de recursos tecnológicos e especializados, como laboratórios e salas de leitura, pode impactar na diversidade e qualidade das atividades educacionais oferecidas.

A abordagem pedagógica do Colégio Estadual Calunga I prioriza o desenvolvimento da competência comunicativa em língua materna, buscando capacitar os alunos a dominar a norma culta e textual. A escola também busca conscientizar os estudantes sobre a língua como instituição linguística e social, preparando-os para uma atuação crítica e participativa na sociedade. No entanto, como discutido, a análise de textos produzidos por alunos revela desafios no processo de letramento, indicando a necessidade de intervenções educacionais para aprimorar habilidades de leitura e escrita.

O estudo dos contínuos do letramento e de monitoração estilística realizado no Colégio Estadual Calunga I evidencia a importância da escola na transição entre oralidade e escrita. Os alunos, ao frequentarem a escola, aproximam-se do domínio da leitura e da escrita, embora ainda mantenham traços da oralidade em suas produções textuais. Nesse contexto, a escola enfrenta desafios como a falta de recursos especializados e a necessidade de uma abordagem pedagógica que contemple tanto a oralidade quanto a escrita. No entanto, é fundamental que a escola continue buscando melhorias em sua infraestrutura e práticas pedagógicas, visando garantir uma educação de qualidade e inclusiva para todos os alunos da comunidade Kalunga.

É fundamental que a escola atue como um espaço de promoção do letramento, capacitando os alunos para uma participação ativa e crítica na sociedade. Além disso, são necessários investimentos em infraestrutura e formação docente para garantir uma educação de qualidade e inclusiva para todos os estudantes.

4.2 A variação linguística dos estudantes do 6º ano do Colégio Estadual Calunga I (antiga sede) moradores da Fazenda do Coco.

Nesta seção, examinamos a comunicação natural de moradores nascidos e criados na Fazenda Coco, com o intuito de documentar a diversidade linguística presente nessa comunidade, especialmente considerando a história das pessoas quilombolas que lá residem e preservam sua própria forma de linguagem. Na análise, vamos abordar algumas categorias, as quais destacam principalmente a diversidade linguística da Fazenda Coco, levando em consideração os padrões de variação linguística mais comuns entre os habitantes locais. Para isso, utilizamos trechos de falas espontâneas em sala de aula como exemplo.

É preciso ressaltar que a intenção ao destacar os fenômenos linguísticos mais comuns não é de reduzir a análise, mas sim proporcionar uma abordagem didática que evidencie a riqueza e a complexidade da variação linguística presente na comunidade. Essa pluralidade linguística não apenas enriquece a expressividade cultural, mas também reflete a história e a identidade únicas da comunidade quilombola Vão de Almas. Em outras palavras, na rica tessitura linguística da comunidade, emerge um fascinante fenômeno de variação linguística que reflete a pluralidade e a dinâmica cultural e identitária local. No contexto do falar rural do quilombo, é notável a coexistência de distintas variações linguísticas, evidenciando a diversidade intrínseca do grupo.

Um dos fenômenos presentes no repertório linguístico da comunidade é a apócope, uma variação fonética que se manifesta pela omissão do /r/ final em formas verbais. Essa peculiaridade linguística, observada em expressões cotidianas, como as exemplificadas a seguir, contribui para a singularidade do falar quilombola em Vão de Almas:

Quadro 4: Falas espontâneas produzida pelos estudantes Chijioke, Zahara, Dakari.

Chijioke: *Sá mãe falô qui ia viajá nu caminhão dus povo.*

(Sua mãe falou que ia viajar no caminhão do povo).

Zahara: U professô pidu procê farrê assim.

(O professor pediu para você fazer assim).

Dakari: Papai mandô falá qui num vai trabaiá hoji não.

(Papai mandou falar que não vai trabalhar hoje não).

Fonte: O autor 2024

Por meio do diálogo apresentado, é possível perceber a naturalidade com que ocorre a apócope, como exemplificado nas falas dos membros da comunidade. A fala de Chijioke: "*Sá mãe falô qui ia viajá nu caminhão dus povo*" (Sua mãe falou que ia **viajar** no caminhão do povo), onde a queda do /r/ final em "falou" denota esse fenômeno linguístico distintivo. De maneira semelhante, a fala de Zahara "*U professô pidu procê farrê assim*" (O professor pediu para você **fazer** assim) revela a persistência desse traço linguístico. Outro exemplo elucidativo é apresentado na fala de Dakari: "*Papai mandô falá qui num vai trabaiá hoji não*". Nesta sentença, a omissão do /r/ final em "trabaiá" é uma representação clara do fenômeno da apócope na comunidade quilombola Vão de Almas.

Outro tipo de variação recorrente é lexical. A análise da variação lexical na comunidade quilombola Vão de Almas revela uma riqueza linguística interessante, característica do falar rural e específico desse contexto, conforme mostram as variações a seguir:

Quadro 5: Falas espontâneas produzida pelos estudantes Aganju, Ashanti, Zahara, Amai, Chijioke, Adila, Dakari.

Aganju: "Vai trabaiá hoji não. Tá cum dô na iscadera"

(Vai trabalhar hoje não. Tá com dor na coluna).

Ashanti: "Disse qui quebrô foi a cantalera"

(Disse que quebrou foi a clavícula).

Zahara: "Papai foi torá paia"

(Papai foi quebrar (tirar) palha).

Amai: "Fulano num vêi praque tá gumitanu, cumeu toicim nu feção e chupô balinha, ai meimô do istombo".

(Fulano não veio porque está **vomitando**, comeu toucinho no feijão e chupou bala, aí doeu no **estômago**).

Chijioke: “Us **tisoretu** tá subiu”

(Os **[peixes de determinada espécie]** subiram).

Adila: Vai, “Zuca, cê vai levá uma **pregada** nu zói , ai cê queta”.

(Vai, Zuca, você vai levar uma **ferroada** no olho, aí você fica quieto).

Dakari: “Peitcha ni mim, procê vê, vô tirá ocê **purriba** do pescoçu”

(Peita em mim, pra você ver, vou te tirar **por cima** do pescoço).

Fonte: O autor 2024

Na análise da fala dos estudantes, é possível identificar uma série de variações lexicais que refletem adaptações linguísticas intrínsecas ao contexto local. A palavra "iscadeira", por exemplo, é empregada para designar a "coluna", indicando uma peculiaridade lexical particular da comunidade. Da mesma maneira, o uso de "cantalera" para se referir à "clavícula" evidencia outra expressão lexical característica. O termo "torá" é utilizado para descrever a ação de "quebrar" ou "tirar", ilustrando uma palavra específica para essa ação. Ademais, a palavra "meimô" é utilizada para indicar uma "melhora", especificamente referindo-se ao "istambu", ou seja, "estômago", adicionando-se assim outra variante lexical à comunidade. "Tisoretu" refere-se a uma espécie de peixe, inserindo-se dentro do contexto cultural do quilombo Vão de Almas. Por sua vez, a utilização de "pregada" para denotar uma "ferroada" exemplifica outra adaptação linguística local. Igualmente, "purriba" é empregada para expressar a ideia de "por cima", ilustrando uma forma específica de expressão. Por último, "dagurinha" é utilizada para indicar o presente como "ainda agora", destacando-se como mais uma expressão peculiar da fala no quilombo.

Os estudantes da Fazenda Coco apresentam variação fonético-fonológica em suas falas, manifestada pela substituição de sons em palavras como "*Bibi puigantu dia di sábado*", em vez de "bebi purgante no sábado", onde adicionam a semivogal /y/ no meio da palavra. Essa variação também se evidencia em expressões como "*Sá caíça tá grondona*", "*U Boisa Famia di vovó cortô* (A Bolsa Família de vovô foi cortada)", "*vaicina de duença de cachorro*" (Vacina de doêça de cachorro), onde a semivogal é inserida. Além disso, há o acréscimo da vogal alta /i/ em palavras como na fala "*ieu num vô pa rumaria*

istudá” (Eu não vou para a romaria estudar), bem como a supressão da oclusiva /d/, reduzindo a sílaba, como em “*Madinha tava **tiranu** gurdura de côco*, em vez de “**tirando**”, evidenciando a predominância da sílaba canônica CV na fala.

Ao analisar as conversas entre os jovens estudantes da Fazenda Coco, percebi que apresentam uma característica linguística interessante: a supressão de consoantes no início das palavras, como em “**Ocê** viu *fulano donçanu na festa?*”, “*Rêê, sá mãe vê **ocê** briganu, **cê** vai ponhá até*”, utilizadas para se referir a “você”. Esse fenômeno é denominado aférese. Vale ressaltar que essa omissão de consoantes não é exclusiva das pessoas que vivem no campo, pois muitos indivíduos urbanos também empregam essas formas linguísticas em suas falas. Outro fenômeno linguístico observado nas conversas é a monotongação, que consiste na eliminação da semivogal /u/, resultando na redução do ditongo crescente para uma vogal simples, transformando-o em um monotongo. Entre os estudantes é comum ouvir expressões como “*Num foi a galinha choca qui vovó **mandô** ieu tirá du nim*”

Como se vê, na comunicação dos estudantes da Fazenda Coco, há diversos fenômenos linguísticos em destaque. Um dos mais recorrentes, conforme mencionado por Gonçalves et. al (2020), é a substituição das vogais /o/ por /u/. Observa-se essa mudança em palavras como “*Istudá **cedu** é ruim dimas*”, “*Tá chegonu u **tempu** da manga côca*”, onde ocorre tanto a supressão quanto a substituição da vogal no final da palavra. Os alunos do Colégio Estadual Calunga I frequentemente adotam a estrutura silábica CCV em lugar de CVC ao pronunciarem palavras com a consoante /r/ entre as sílabas. Por exemplo, em “porque”, eles deslocam o /r/, resultando na expressão “*Fulano num vêi **pruque** tá gumitanu*”.

Quando nos propomos a descrever as diversas variações linguísticas presentes em diferentes localidades, é crucial considerar o papel da escrita na neutralização dessas variedades da fala, aderindo a um padrão normativo estabelecido pela gramática. No entanto, é importante reconhecer que, dependendo do gênero discursivo e do contexto de utilização, a língua escrita também pode variar. Através da análise das diferentes formas de expressão verbal na comunidade, o objetivo desta pesquisa é destacar a riqueza da diversidade linguística no Quilombo Vão de Almas. Dessa forma, os estudantes da Fazenda Coco poderão, no futuro, identificar as variações linguísticas em

suas próprias conversas e compreender os fenômenos linguísticos associados a essas diferentes formas de expressão. Após essas reflexões, os jovens serão capazes de ajustar suas falas de acordo com o ambiente e o interlocutor com quem estão se comunicando, demonstrando uma maior consciência sobre as nuances da linguagem e sua adaptação contextual.

4.3 Transição da língua materna para a norma padrão dos estudantes do 6º ano do Colégio Estadual Calunga I.

A transição da língua materna para a norma padrão é um processo complexo que frequentemente ocorre no contexto escolar, especialmente entre estudantes do 6º ano, como os do Colégio Estadual Calunga I. Esses alunos trazem consigo uma variedade linguística marcada pela oralidade própria de seus ambientes de origem. No entanto, à medida que ingressam na escola, são confrontados com a necessidade de adquirir e dominar a norma padrão da língua portuguesa, utilizada nos contextos formais de comunicação, como a escrita acadêmica e as interações em sala de aula. Nessa seção, partindo da produção de texto escritos em sala de aula, vamos analisar como ocorre esse processo de transição linguística.

Para a análise, os alunos do 6º ano do Colégio Estadual Calunga I foram convidados pelo pesquisador a escrever sobre a Comunidade do Vão de Almas. Este convite serviu como base para uma análise do processo de transição linguística presente nos textos produzidos pelos estudantes.

Quadro 6: Textos produzidos pelos estudantes do 6º ano do Colégio Estadual Calunga I.

Texto 1:

A comunidade

Comunidade do vão de alma tem muitos rios

Eu morro no vão de almas. eu comeso rio braco tambem tem ganereira eu tambem comeso buritir cupiso. As pessoa vai para a festa dia doz ai fica dia deseseis. O impero de nossa semora da badia e dia 14. Os impero di divino e dia 15 tambem tem um rio em teresina.

Texto 2:

A comunidade de vão de alma

Paranom, capivara coco riuboco rio do forno. As festa da comunidade a romaria os povo vai para romaria 12 a 17 festano direto a tem o dia faia. 14 do dia do impero do divino 15 dia impero da ciora da badia a cidade nas pesta e terrezina a ponto do rio alma. Nacomunidade morava os povo nas vein.

Texto 3:

A comunidade do vão de almas

A comunidade do vão de almas tem muitos rios e grotas chamado de: paraná, Rio branco, capivara, gameleira etc, grotas chamada de : côco, corrégo de areia, buriti, cumprido etc. A nossa comunidade tem uma festa muito famosa cahamada romária, em agosto os povo costuma ir dia 12 e voltam dia 17 dia 13 tem as oito horas, dia 14 o império do divino dia 15 o império da nossa senhora da badia. Nossa cidade mais próxima e terésina, mas o nosso município é Cavalcante.

Texto 4:

A comunidade do vão das almas

Na comunidade vão almas tem muitos rios corregos e tem varios local para morra. Na comunidade acotese as festas todo ano a festa mais falada e de nossa senhora Abadia, a festa comesa no dia 12 a 17 no dia 14 e o imperio do divino Espirito santo, e 15 de nossa senhora Abadia.

A cidade mais posima e teresina de Goiás só a maioria das pessoas fequentam mais Cavalcante.

Tem Rios muito perigoso como capivara, bara do Rio branco, capim puba. Para chegar ate a comunidade vão de almas prisa pasar serra e Rio Almas(rio branco).

Texto 5:

Os tipo de coisa na nossa comunidade

Na comunidade nossa tem muitos tipos de rios gameleira, capivara, barreiro, parana, também tem tipos de grontas, da parinda, corgo da serra, burinti cuprindo, corgo de areia, agora voi fala sobe a festa mais principal que todo povo da comunidade vai a festa da romaria é pessoal sempre ums vai dia 10, 11, 12, e o imperinho sempre e dia 14 e 15 dia 14 o santo e divino espirinto santo, dia 16 e a faia e dia 17 os povos vai embora e a cidade mais perto do vão de almas e teresina.

Fonte: O autor 2024

A análise linguística dos textos fornecidos revela características da transição da oralidade para a escrita escolar padrão. Observa-se que os textos

apresentam variações linguísticas próprias da oralidade (menos monitorada), como o uso de estruturas gramaticais simplificadas, a presença de regionalismos, a ausência de pontuação e a omissão de algumas palavras. Essas características são comuns em comunidades quilombolas, em contexto rurais e ambientes rurbandos, onde a linguagem oral é predominantemente utilizada no cotidiano. No entanto, no processo de transição, é possível notar uma tentativa de adaptação à norma padrão da língua escrita em alguns aspectos, como a organização dos parágrafos e a presença de palavras mais formais. Isso sugere a influência da escola e do ensino do português na comunidade, mesmo que ainda haja resquícios da oralidade.

Os principais problemas encontrados nos textos dos estudantes são diversos e comprometem a clareza e a eficácia da comunicação escrita. Por exemplo, há erros ortográficos, como "*comenso*" em vez de "*começo*", falta de pontuação adequada, como ausência de vírgulas e pontos finais para delimitar as frases, e problemas de concordância verbal e nominal, como em "*os povo vai*" ao invés de "*o povo vai*". Além disso, observa-se a presença de frases fragmentadas, como "*tem muitos tipos de rios gameleira, capivara, barreiro, parana*", que carecem de estruturação gramatical completa. Adicionalmente, alguns textos apresentam repetições desnecessárias, como em "*os povo*" e "*os povos*", além de vocabulário inadequado, com termos informais ou pouco precisos, como "*umas vai*" ao invés de "*alguns vão*". Esses problemas refletem a influência da linguagem oral menos monitorada na produção escrita dos alunos, bem como a necessidade de maior domínio da norma padrão da língua portuguesa.

Autores como Bagno (2007), Soares (2014) e Zavala (2010) destacam a importância de reconhecer e valorizar a linguagem dos alunos, promovendo uma abordagem pedagógica que leve em conta suas experiências linguísticas e culturais. Nesse sentido, a escola tem o papel de proporcionar um ambiente de aprendizado inclusivo e respeitoso, que valorize a diversidade linguística e cultural dos estudantes quilombolas. É essencial que o ensino do português na comunidade de Vão de Almas não se restrinja apenas à norma padrão da língua, mas também considere as variações linguísticas presentes na comunidade, permitindo que os alunos desenvolvam habilidades de leitura, escrita e

comunicação que os capacitem a se expressar tanto na linguagem formal quanto na linguagem cotidiana de sua comunidade.

CONSIDERAÇÕES E REFLEXÃO SOBRE O RESULTADO DA PESQUISA

Durante a realização da pesquisa, foi possível evidenciar o impacto negativo do preconceito linguístico enfrentado pelas pessoas residentes das Comunidades tradicionais, o que muitas vezes resulta em um processo de exclusão social ao se aproximarem das áreas urbanas. Isso reflete a necessidade urgente de abordar e combater essa questão para promover uma sociedade mais inclusiva e respeitosa com a diversidade linguística.

Ao partir desta realidade, o objetivo geral deste estudo vai além do mero registro das conversas espontâneas e da análise do processo de transição da oralidade para a norma padrão. A pesquisa possui um significado muito mais profundo, contribuindo para uma reflexão crítica sobre a importância do respeito e da valorização das diversas formas de expressão linguística e cultural presentes nas comunidades tradicionais. Como destaca Bourdieu (1991), "A língua é uma ferramenta de poder que molda as relações sociais e a identidade dos indivíduos".

Ao escolher trabalhar com estudantes, reconhecemos que são eles que, no futuro, estarão inseridos em ambientes sociais e profissionais diversos, exigindo uma competência comunicativa ampla e uma capacidade de transitar entre diferentes variedades linguísticas. É fundamental prepará-los não apenas para a inserção em espaços dominados por culturas diversas, mas também para que sejam agentes ativos na promoção e defesa de sua própria cultura e língua materna.

Ao analisar os dados coletados, foi perceptível o esforço dos estudantes em se aproximar da norma culta ensinada na escola por meio de suas produções textuais. Notou-se uma intencionalidade em escrever de acordo com o que estão aprendendo, diferenciando a escrita da oralidade sem desconsiderar a cultura e língua materna. Embora as conversas espontâneas refletissem aspectos da oralidade regional, as produções textuais apresentavam uma proximidade maior com o português padrão brasileiro, destacando-se apenas a questão ortográfica como divergência.

É importante ressaltar que ao longo do processo escolar, essas diferenças serão aprimoradas e os estudantes se tornarão indivíduos letrados, dotados de conhecimentos tradicionais e científicos adquiridos na escola. O mais relevante é que serão capazes de utilizar a língua de acordo com as exigências do momento, seja na comunicação informal ou na produção escrita, sem menosprezar nenhuma das formas linguísticas. Esse resultado indica a eficácia das práticas pedagógicas em promover a transição entre oralidade e escrita de forma consciente e respeitosa à diversidade linguística e cultural das comunidades tradicionais.

Os educandos demonstraram um engajamento significativo em se auto monitorar e utilizar a linguagem de acordo com as exigências do momento, evidenciando uma consciência linguística em desenvolvimento. Nesse sentido, sugere-se a implementação de estratégias pedagógicas que fortaleçam ainda mais essa capacidade de auto monitoramento e valorizem as diferentes variedades linguísticas presentes nas comunidades tradicionais.

Portanto, as soluções propostas a partir dos resultados da pesquisa incluem a promoção de ambientes educacionais inclusivos e respeitosos com a diversidade linguística, o incentivo ao diálogo intercultural e a valorização das identidades linguísticas locais. A educação linguística e cultural deve ser uma prioridade para garantir uma sociedade mais justa e igualitária, onde todas as vozes sejam ouvidas e respeitadas.

Ao finalizar esta pesquisa, perceberemos a complexidade e a relevância do processo investigado, que se propôs a compreender a transição da oralidade da língua materna para a norma padrão, bem como o processo de letramento, entre os estudantes do 6º ano do Colégio Estadual Calunga I, moradores da comunidade quilombola Kalunga Vão de Almas, em Cavalcante, Goiás, na Fazenda Coco.

Os resultados obtidos revelaram um perfil sociolinguístico multifacetado entre os estudantes, caracterizado por uma interação entre elementos do ambiente rural e urbano, da oralidade e do letramento. A diversidade linguística manifestada pelos alunos inclui expressões regionais, variações fonético-fonológicas e escolhas estilísticas, enriquecendo o contexto sociolinguístico da comunidade.

Esta pesquisa contribui não só para os estudos sociolinguísticos e de

letramento na comunidade quilombola Kalunga Vão de Almas, como também para o desenvolvimento dos estudos linguísticos na região Centro-Oeste do Brasil. Os desdobramentos decorrentes deste estudo visam favorecer a produção de dados linguísticos e socioletramentos que descrevam a situação sociolinguística da comunidade quilombola, especialmente no que tange à transição da oralidade para a norma padrão e ao processo de letramento.

Portanto, concluímos que este estudo, intitulado "Variação linguística no ambiente escolar da comunidade quilombola Kalunga Vão de Almas", permitiu uma análise abrangente das desigualdades socioeducacionais na comunidade, promovendo o socioletramento por meio dos resultados obtidos. Como ressaltado por Bagno (2007), é crucial combater o preconceito linguístico e valorizar as variedades linguísticas, especialmente em contextos minoritários como o das comunidades quilombolas. Assim, ao entender a língua como um fenômeno social e cultural, conforme apontado por Hanks (2008), reconhecemos a importância de considerar sua interação com a identidade e a experiência humana, para uma compreensão mais ampla e inclusiva da diversidade linguística e cultural do Brasil.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, G. P. **O léxico da comunidade Kalunga Vão de Almas: um estudo etnobotânico.** Universidade de Brasília, 2014.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- _____. **Dicionário crítico de Sociolinguística.** São Paulo: Editora Parábola, 2017.
- BORTONI-RICARDO, S. **Contribuições da sociolingüística educacional para o processo ensino e aprendizagem da linguagem.** Disponível em: <<https://www.stellabortoni.com.br/index.php/artigos/707-iootaibuicois-ia-soiolioguistia-iiuiaiiioal-paaa-o-paoiisso-iosioo-i-apaioizagim-ia-lioguagim>>. Acesso em: 5 mar. 2024.
- _____. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa.** São Paulo: Parábola, 2008.
- _____. **Educação em língua materna. A sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola, 2004.
- _____. **Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística e educação.** São Paulo: Parábola, 2005.
- _____, Stella Maris et al. (orgs) **Por que a escola não ensina gramática assim?** São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Linguísticas.** 1991.
- Burke, P. **A arte da conversação.** Editora Unesp, 1995.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica; tradução Marcos Marcionilo.** 2.ed. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2002.
- CARVALHO-SANTOS, Edinei. **Navegando em Águas Ancestrais - Letramentos em Contexto de Luta e Resistência: uma experiência etnográfica no Quilombo Mesquita - Goiás (GO).** Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Brasília (UnB), 2020.
- CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto.** Livro. Editora Penso, 2007.
- ELLIS, Carolyn. **The Ethnographic I: A Methodological Novel about Autoethnography.** Livro. AltaMira Press, 2004.
- GONÇALVES, Genildo Fernandes. **Variação linguística da comunidade Kalunga Vão de Almas: um estudo no contexto da Fazenda Coco.** 2015. 34 f.

Monografia (Licenciatura em Educação do Campo)—Universidade de Brasília, Planaltina-DF, 2015.

GONÇALVES, Genildo Fernandes et. al, . Variedade Linguística da Comunidade Kalunga Vão de Almas: Um Estudo no Contexto da Fazenda Coco. **Business Techn.** 54 ;14(2):54, 2020.

LABOV, W. **Padrões sociolingüísticos.** Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** São. Paulo: Martins Fontes, 2003.

ROSA, Wanderléia dos Santos. **Rezas, rezadeiras e juventude na comunidade Vão de Almas, Cavalcante - GO.** 2013. 55 f., il. Monografia (Licenciatura em Educação do Campo)—Universidade de Brasília, Planaltina-DF, 2013.

SILVA, Daniela Barros Pontes; FLORENCIO, Saulo Pequeno Nogueira, PEDERIVA; Patrícia Lima Martins. **Educação na tradição oral de matriz africana:** a constituição humana pela transmissão oral de saberes tradicionais – um estudo histórico-cultural. 1. ed. Curitiba: Appris, 2019.

SOARES, Magna. **Letramento:** um tema em três gêneros. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

SOUSA, 2023

SOUSA, Rosineide Magalhães de. **Gênero Discursivo Mediacional:** Uma Pesquisa Na Perspectiva Etnográfica. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília. Brasília, 2006.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos (2002). “Tipos, gêneros e subtipos textuais e o ensino de língua materna” in BASTOS, Neusa Maria Oliveira Barbosa (org.). **Língua Portuguesa: uma visão em mosaico.** São Paulo: EDUC / PUC-SP, 2002: 201-214.

VELLASCO, Ana Maria e SOUSA, Rosineide Magalhães. **Educação e língua materna.** Brasília, UNB, 2007.

ZAVALA, Virginia. **Quem está dizendo isso?:** letramento acadêmico, identidade e poder na educação superior. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

BIBLIOGRAFIA DE APOIO

ARAÚJO, Ana Cristina de. **Discursos que revelam o letramento acadêmico na (re) constituição identitária dos educandos da Licenciatura em Educação do Campo.** Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Brasília, 2016.

ALMEIDA, Severina Alves de. **Etnossociolinguística e Letramentos: contribuições para um currículo bilíngue e intercultural indígena Apinajé.**

- Tese de Doutorado. Universidade de Brasília. Brasília, 2015.
- BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 2006.
- BAUMAN, Zigmund. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.
- _____. **Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- _____, Stella Maris et al. (orgs.) **Leitura e Mediação Pedagógica**. São Paulo: Parábola, 2012.
- _____, S. M.; MACHADO, V. R.; CASTANHEIRA, S. F. **Formação do professor como agente letrador**. São Paulo: Contexto, 2010.
- _____, Stella Maria & Vera Aparecida de Lucas Freitas. Sociolinguística Educacional. In Hora, D. et al. (orgs.) **Abralin – 40 anos em cena**. João Pessoa: Editora Universitária, 2009, p. 217-240
- BOTELHO, José Mário. **Oralidade e escrita sob a perspectiva do letramento**. Jundiaí, Paco Editorial: 2012.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 2010.
- CARVALHO-SANTOS, Edinei. **Navegando em águas ancestrais: letramentos em contexto de luta e resistência: uma experiência etnográfica no Quilombo Mesquita-Goiás (GO)**. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília. Brasília, 2020.
- CALDART, Roseli Salete. **Por uma Educação do Campo: Traços de uma identidade em construção**. In: ARROYO, Miguel González, CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (Orgs). **Por uma Educação do Campo**. Petrópolis- RJ: Vozes, 2004a.
- _____. Sobre Educação do Campo. In: SANTOS, Clarice Aparecida dos (Org.). **Por uma Educação do Campo: Campo – Políticas Públicas – Educação**. Brasília: INCRA/MDA, 2008.
- CALVA, S. M. B. (ed.). **Autoetnografia: uma metodologia qualitativa**. Aguascalientes: Universidad Autonoma de Aguascalientes, 2019.
- CARVALHO, José João. **Letramento e retextualização: uma análise no ensino médio**. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília. Brasília, 2014.
- CASSANY, Daniel. **Para ser letrados: voces y miradas sobre la lectura**. Paidós Educador, 2009.

CAVALCANTI, Marilda do Couto. **Interação leitor-texto**: aspectos de interpretação pragmática. Campinas: Unicamp, 1989.

COHEN, A. D. **Recent uses of mentalistic data in reading strategy research**. D.E.L.T.A, v. 3, n. 1, p. 57-84, 1987.

ERICKSON, F. **Transformation and school success**: the politics and culture of educational achievement. *Anthropology & Education Quarterly*. Vol. 18 (4), 1987, pp. 335-56

FERNANDES, Bernardo Mançano; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Salete. Primeira Conferência Nacional "Por uma Educação do Campo": texto preparatório. In: ARROYO, Miguel González, CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (Orgs). *Por uma Educação do Campo*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2004.

FERREIRA, Maria Jucilene Lima. **Docência na escola do campo e formação de educadores**: qual o lugar do trabalho coletivo? Tese de Doutorado. Universidade de Brasília. Brasília, 2015.

FIGUEROA, E. **Sociolinguistics Methateory**. New York: Pergamon, 1994.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre, 2ed.: Bookman, 2007.

GEE, James Paul. **Social linguistics and literacies**. Ideology in discourses. 2ed. London, Taylor & Francis, 1996.

GELB, Ignace J. **Historia de la escritura**. Madrid: Alianza, 1985

GOLDMAN, M. **Uma categoria do pensamento antropológico**: a noção de pessoa. In: **Alguma Antropologia** (pp.21-37). Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

GOMES, Eduardo de Castro. **A escrita na História da humanidade**. Acesso em, v. 18, 2014.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. 10ª edição - São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

HYMES, Dell H. **Foundations in Sociolinguistics**: an ethnographic approach. London: Tavistock Publications Limited, 1977.

HYMES, D. Acerca de la Competencia Comunicativa. In: Llobera, M. et al. **Competência comunicativa**. Documentos básicos en la enseñanza de lenguas extranjeras. Madrid: Edelsa, 1995.

ILARI, Rodolfo; e BASSO, Renato. **O português da gente**: a língua que estudamos a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2014.

IVANIC, Roz. **Writing and Identity**: The Discoursal Construction of Identity in Academic Writing. Filadélfia, John Benjamins, 1998.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. 22.ed. Tradução de Izidoro Blikstein; José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2010.

KLEIMAN, Angêla B.(org.) **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. 1. ed. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.

KLEIMAN, Angêla B. **A construção de identidade em sala de aula**: um enfoque interacional. In: Signorini, I. (org.) Língua(gem) e identidade. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998.

LAKATOS, Eva Maria; e MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2005.

LEONTIEV, A. **O Desenvolvimento do Psiquismo**. Lisboa: Liv. Horizonte, 1978.

MAGALHÃES, Rosineide e MACHADO, Veruska Ribeiro. Leitura e interação no enquadre de protocolos verbais. In BORTONI-RICARDO, Stella Maris et al. **Mediação Pedagógica**. São Paulo: Parábola, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 8.ed.São Paulo: Cortez, 2007.

MARINHO, Marildes. “**As palavras difíceis chegaram**”: a entrada de grupos tradicionais no universo da escrita acadêmica. IN. Anais Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais – VI Siget. RN, 2011.

MARTELOTTA, M.E. et al. **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto: 2012.

MILANEZ, Wânia. **Pedagogia do oral**: condições e perspectivas para a sua aplicação no português. Campinas, SP: Sama, 1993.

MOLLICA, Maria Cecília. **Fala, letramento e inclusão social**. São Paulo: Contexto, 2014.

MOLLICA, Cecília Maria; e BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2015.

MOLLICA, Cecília Maria; e FERRAREZI JUNIOR, Celso (orgs.). **Sociolinguística, sociolinguísticas**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2016.

MOLINA, Mônica e SÁ, Laís Mourão. A Licenciatura em Educação do Campo da Universidade de Brasília: Estratégias Político-Pedagógicas na Formação de Educadores do Campo. In. MOLINA, Mônica e SÁ, MOURÃO, Laís.

(Orgs.). **Licenciatura em Educação do Campo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, pp. 275-288.

MOURA, Ana Aparecida Vieira. **A sociolinguística e o seu lugar nos letramentos acadêmicos na formação de professores do campo**. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília. Brasília, 2015.

MST. **Dossiê MST Escola**. Documentos e estudos. 1999-2001. Caderno de educação nº13. Edição Especial. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

NEVES, L. de A. A voz dos militantes: o ideal de solidariedade como fundamento da identidade comunista. In: Xth **International Oral History Conference**. Proceedings vol 3. Rio de Janeiro: CPDOC, FIOCRUZ, 1998.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 7ed. Revisada e atualizada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

OLSON, David R. **O mundo no papel**: as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita. Tradução: Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1997.

_____. **Cultura Escrita e Oralidade**. Tradução: Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática, 1995.

PADILHA, Emanuele Coimbra. Reflexões sobre a competência comunicativa e a formação de professores de língua estrangeira e suas competências. **Linguagens & Cidadania**, v. 15, n. 1, 2016.

PRETI, Dino. **Sociolinguística**: os níveis de fala. São Paulo: EDUSP, 2003. RIOS, Guilherme Veiga. O que é Letramento? Manuscrito inédito, 2009

ROJO, Roxane. **Letramentos Múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROJO, Roxane. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SAMPAIO, Adovaldo Fernandes. **Letras e memória**: uma breve história da escrita. São Paulo: Ateliê, 2009.

SAVILLE-TROIKE, Muriel. **The Ethnography of Communication**: na introduction. Oxford: Basil Blackwell, 1982.

SIGNORINI, Inês. Letramento e (in) flexibilidade comunicativa, in KLEIMAN, Angêla B.(org.) **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. 1.ed. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.

SOUSA, Rosineide Magalhães. **Práticas de letramento**: produção textual coletiva na formação do docente do campo. In. MOLINA, Mônica e SÁ, MOURÃO, Laís. (Orgs.). **Licenciatura em Educação do Campo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011a.

SOUSA, R. M. Protocolos Verbais na Avaliação de Leitura. In: **III Congresso Latino Americano de Compreensão Leitora: ler para produzir mais cultura**, 2010, Brasília. Congresso Latino-Americano de Compreensão Leitora. Brasília: UnB, 2010. v. 1. p. 1282- 1293.

SPINK, MJP. Pessoa, indivíduo e sujeito: notas sobre efeitos discursivos de opções conceituais. In: SPINK, MJP., FIGUEIREDO, P., and BRASILINO, J., orgs. **Psicologia social e personalidade [online]**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais; ABRAPSO, 2011, pp. 1-22. ISBN: 978-85-7982-057-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

STREET, B.V. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad. BAGNO, M. São Paulo: Parábola, 2014.

TOMITCH, Lêda Maria Braga. **Desvelando o processo de compreensão leitora**: protocolos verbais na pesquisa em leitura. Signo, Santa Cruz do Sul, v. 32, n. 53, p. 42-53, jul. 2007. ISSN 1982-2014. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/244/197>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

PPP. **Projeto Político Pedagógico da Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC**. Universidade de Brasília – UnB, 2009.

VÓVIO, Cláudia; SITO, Luanda; GRANDE, Paula de. (orgs.) **Letramentos**: rupturas, deslocamentos e repercussões de pesquisas em linguística aplicada. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

WETZELS, Leo; DA HORA, Demerval. A Variação Linguísticas e as Restrições Estilísticas. 2010. **Revista da Abralín / Associação Brasileira de Linguística**. Vol 1. nº1 jun.2002. Curitiba, PR: UFPR, 2002-. <http://www.abralin.org/revista>. Acesso: 17 nov. 2016.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis- RJ: Vozes, 2000.

ANEXOS

Anexo A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, portador(a) do CPF nº _____, declaro estar ciente e concordo voluntariamente em participar da pesquisa intitulada "Variação Linguística na Comunidade Kalunga Vão de Almas, Cavalcante, Goiás: Uma Análise do Processo de Transição da Oralidade da Língua Materna para a Norma Padrão", vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, sob a coordenação do pesquisador Genildo Fernandes Gonçalves.

1. Objetivo da pesquisa: Investigar o processo de transição da oralidade da língua materna para a norma padrão e o processo de letramento entre a variedade falada e a norma padrão dos estudantes do 6º ano do Colégio Estadual Calunga I (antiga sede), moradores da comunidade quilombola Kalunga Vão de Almas, município de Cavalcante, Goiás, Fazenda Coco.

2. Procedimentos da pesquisa: A minha participação consistirá em entrevistas e gravações de áudio e/ou vídeo, que serão realizadas de forma presencial ou virtual, conforme combinado previamente com o pesquisador responsável. Todas as informações coletadas serão tratadas de forma sigilosa e utilizadas apenas para fins científicos, garantindo a minha privacidade e anonimato.

3. Direitos do participante: Como participante desta pesquisa, tenho o direito de interromper minha participação a qualquer momento, sem que isso acarrete qualquer prejuízo ou penalidade. Além disso, compreendo que os resultados obtidos serão utilizados para fins acadêmicos e científicos, sendo que minha identidade não será revelada em nenhuma publicação ou divulgação dos resultados.

4. Uso de imagens e divulgação científica: Autorizo o uso de imagens, áudios e vídeos coletados durante as atividades da pesquisa para fins exclusivamente científicos, tais como apresentações em congressos, publicações acadêmicas, relatórios de pesquisa, entre outros.

5. Os riscos associados à pesquisa são mínimos, dado que o pesquisador é também um membro ativo da comunidade quilombola. Esta condição permite uma maior compreensão das dinâmicas sociais, culturais e históricas da comunidade, facilitando o estabelecimento de relações de confiança e respeito durante o processo de pesquisa. Além disso, a familiaridade com a cultura e o contexto local ajuda a mitigar possíveis equívocos ou interpretações inadequadas dos resultados da pesquisa. Assim, a participação do pesquisador como membro da comunidade contribui para a realização de uma pesquisa mais ética, sensível e alinhada com as necessidades e interesses da própria comunidade quilombola.

6. Contato e esclarecimentos: Em caso de dúvidas ou necessidade de esclarecimentos adicionais sobre a pesquisa, estou ciente de que posso entrar em contato com o pesquisador responsável, Genildo Fernandes Gonçalves, por meio dos contatos disponibilizados no documento de consentimento. E-mail: genildocvc@gmail.com.

Ao assinar este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que li e compreendi todas as informações fornecidas, concordando voluntariamente em participar da pesquisa nos termos descritos.

Local e data: _____, _____

Assinatura do participante:

Assinatura do pesquisador responsável:

Anexo B

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -
UNB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Variação linguística na comunidade Kalunga Vão de Almas, Cavalcante, Goiás: uma análise do processo de transição da oralidade da língua materna para a norma padrão.

Pesquisador: GENILDO FERNANDES GONCALVES

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 69085423.7.0000.5540

Instituição Proponente: Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.113.131

Apresentação do Projeto:

Trata-se de projeto de mestrado que está sendo realizado no Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da UnB.

Objetivo da Pesquisa:

De acordo com o pesquisador, o objetivo da proposta é pesquisar o processo de transição da oralidade da língua materna para norma padrão e o processo de letramento entre a variedade falada e a norma padrão na comunidade quilombola Kalunga Vão de Almas, município de Cavalcante, Goiás.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo o pesquisador não haverá riscos aos colaboradores pois ele faz parte da comunidade e assegurará confiança e descontração nos momentos oportunos.

Entre os benefícios, o pesquisador afirma que objetiva-se com esse trabalho contribuir para uma reflexão crítica sobre o modo como a sociedade brasileira deve valorizar a riqueza das variantes do português brasileiro falado por centenas de comunidades quilombolas espalhados por todo o território nacional.

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -
UNB



Continuação do Parecer: 6.113.131

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Não há comentários a serem feitos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos foram apresentados.

Recomendações:

Assinar a carta de encaminhamento.

Mudar os dizeres da carta de revisão e do TCLE no que diz respeito à não existência de riscos. Segundo a resolução 466/12, toda pesquisa com seres humanos envolve risco, em tipo e gradação variados. O pesquisador pode dizer, por exemplo, que os riscos são mínimos e que não são maiores do que os existentes na vida cotidiana.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Considerando que o pesquisador é membro da comunidade pesquisada e que os riscos são mínimos, e no intuito de não atrasar a pesquisa, sugiro aprovar a realização da pesquisa, solicitando que o pesquisador altere a afirmação de que não há qualquer risco para os participantes.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_2114666.pdf	26/04/2023 00:33:47		Aceito
Outros	Curriculo_Lattes_Rosineide.pdf	26/04/2023 00:33:22	GENILDO FERNANDES GONCALVES	Aceito
Outros	Curriculo_Lattes_Genildo_Fernandes_Goncalves.pdf	26/04/2023 00:32:29	GENILDO FERNANDES GONCALVES	Aceito
Outros	Aceite_Escola_Genildo.pdf	18/04/2023 09:34:39	GENILDO FERNANDES GONCALVES	Aceito
Outros	Aceite_Institucional_Genildo_Fernandes.pdf	18/04/2023 09:34:06	GENILDO FERNANDES GONCALVES	Aceito
Outros	Aceite_comunidade_Genildo.pdf	18/04/2023	GENILDO	Aceito

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-1582 **E-mail:** cep_chs@unb.br

INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -
UNB



Continuação do Parecer: 6.113.131

Outros	Aceite_comunidade_Genildo.pdf	09:33:16	FERNANDES GONCALVES	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto_Genildo.pdf	18/04/2023 09:32:11	GENILDO FERNANDES GONCALVES	Aceito
Outros	Carta_de_Encaminhamento_Genildo_Fernandes.doc	01/04/2023 09:26:08	GENILDO FERNANDES GONCALVES	Aceito
Outros	Carta_de_revisao_etica_Genildo_fernandes_goncalves.docx	01/04/2023 09:24:44	GENILDO FERNANDES GONCALVES	Aceito
Outros	Instrumento_de_coleta_de_dados_Genildo.docx	01/04/2023 09:22:33	GENILDO FERNANDES GONCALVES	Aceito
Outros	Termo_de_autorizacao_de_imagem_e_voz_Genildo_Fernandes.doc	01/04/2023 09:22:07	GENILDO FERNANDES GONCALVES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Genildo_Fernandes_Goncalves.doc	01/04/2023 09:21:26	GENILDO FERNANDES GONCALVES	Aceito
Cronograma	Cronograma_Genildo_Fernandes_Goncalves.docx	01/04/2023 09:20:49	GENILDO FERNANDES GONCALVES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Pesquisa_Mestrado_Genildo.docx	01/04/2023 09:20:25	GENILDO FERNANDES GONCALVES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASÍLIA, 13 de Junho de 2023

Assinado por:
ANDRE VON BORRIES LOPES
(Coordenador(a))

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

Anexo C

NARRATIVAS, FALAS ESPONTÂNEAS E TEXTOS

Narrativa sobre o "Negro D'água".

Segundo os relatos dos moradores da Comunidade Kalunga Vão de Almas, os pescadores que se aventuravam no rio Paranã enfrentavam uma ameaça misteriosa: os "negros d'água". Estas criaturas, com aparência humana, surgiam em duplas sempre que havia barulho. Um deles mexia na linha do anzol para atrair a atenção do pescador, enquanto o outro contornava pela terra firme, criando um cenário de desconforto que levava o pescador a cair na água. Caso bem-sucedido, o "negro d'água" que provocava a vítima já estava pronto para capturá-la ao cair na água. Relatos contam que até mesmo os canoeiros, ao atravessarem o rio, enfrentaram essas criaturas, sendo obrigados a cortar os dedos do "negro d'água" para evitar que a embarcação afundasse. Com o decorrer do tempo, essas criaturas misteriosas foram desaparecendo, entrando em extinção e tornando-se apenas parte das histórias passadas. Contudo, o debate sobre a veracidade desses eventos persiste entre as gerações atuais da comunidade, alguns defendendo a autenticidade dos relatos, enquanto outros permanecem céticos.

Narrativa sobre o "Indígenas".

De acordo com os relatos dos mais velhos, durante os anos que remontam a meados de 1920, a presença indígena era uma realidade marcante na Comunidade. Suas silhuetas podiam ser avistadas entre as densas matas, enquanto os sons de seus assobios ecoavam pelo ar, sendo designados pelos Kalungas como "compadres". Aqueles que os insultavam ou menosprezavam, segundo a tradição oral, enfrentavam represálias, muitas vezes na forma de atos de pedradas ao adentrarem a floresta ou mesmo ao saírem à noite nos terreiros. No entanto, mesmo com essas tensões, havia uma faceta de cooperação e intercâmbio entre os dois grupos. Os indígenas, com sua vasta sabedoria das plantas e a constante presença nas matas, participavam de trocas de conhecimento medicinal e alimentar com os quilombolas. Quando

solicitados, traziam remédios para os membros da comunidade em necessidade. Os Kalungas, por sua vez, manifestavam gestos de gratidão, deixando alimentos à porta de suas casas durante a noite, encontrando-os no dia seguinte consumidos e, às vezes, com a generosa oferta de caça, como tatus, preás e cutias. Contudo, ao longo do tempo, os indígenas foram gradualmente desaparecendo da comunidade, e hoje em dia, não mais se avistam os "compadres" entre os Kalungas.

FALAS ESPONTÂNEAS

- i. Peitcha ni mim, procê vê, vô tirá ocê purriba do pescoçu (Dadas da pesquisa, 2024).
- ii. Momõe chegô da rua dinoitchão pescoçu (Dadas da pesquisa, 2024).
- iii. Us mininu tava luitchano ontu dinoitchu pescoçu (Dadas da pesquisa, 2024).
- iv. Ocês queta mininu ocês inda quebra o deitchu (GONÇALVES et. al, 2020).
- v. Condu ieu termina us istudo aqui ieu vô lá pra Goiana. Vô estuda lá, aqui é muitchu ruim (GONÇALVES et. al, 2020).
- vi. Chijioke: *Sá mãe falô qui ia viajá nu caminhão dus povo (Sua mãe falou que ia viajar no caminhão do povo).*
- vii. Zahara: U prufessô pidiu procê farrê assim (O professor pediu para você fazer assim).
- viii. Dakari: Papai mandô falá qui num vai trabaiá hoji não. (Papai mandou falar que não vai trabalhar hoje não).
- ix. “Vai trabaiá hoji não. Tá cum dô na iscadera” (Vai trabalhar hoje não. Tá com dor na coluna).
- x. Disse qui quebrô foi a cantalera (Disse que quebrou foi a clavícula).
- xi. Papai foi torá paia (Papai foi quebrar (tirar) palha).
- xii. Fulano num vêi praque tá gumitanu, cumeu toicim nu feijão e chupô balinha, ai meimô do istombo. (Fulano não veio porque está vomitando, comeu toucinho no feijão e chupou bala, aí doeu no estômago).

- xiii. Us tisoretu tá subiu (Os [peixes de determinada espécie] subiram).
- xiv. Vai, Zuca, cê vai levá uma pregada nu zói , ai cê queta. (Vai, Zuca, você vai levar uma ferroada no olho, aí você fica quieto).
- xv. Peitcha ni mim, procê vê, vô tirá ocê purriba do pescoço. (Peita em mim, pra você ver, vou te tirar por cima do pescoço).

TEXTOS

Texto 1:

A comunidade

Comunidade do vão de alma tem muitos rios

Eu morro no vão de almas. eu comeso rio braco tambem tem ganereira eu tambem comeso buritir cupiso. As pessoa vai para a festa dia doz ai fica dia deseseis. O impero de nossa semora da badia e dia 14. Os impero di divino e dia 15 tambem tem um rio em teresina.

Texto 2:

A comunidade de vão de alma

Paranom, capivara coco riuboco rio do forno. As festa da comunidade a romaria os povo vai para romaria 12 a 17 festano direto a tem o dia faia. 14 do dia do impero do divino 15 dia impero da ciora da badia a cidade nas pesta e terrezina a ponto do rio alma. Nacomunidade morava os povo nas vein.

Texto 3:

A comunidade do vão de almas

A comunidade do vão de almas tem muitos rios e grotas chamado de: paraná, Rio branco, capivara, gameleira etc, grotas chamada de : côco, corrêgo de areia, buriti, cumprido etc. A nossa comunidade tem uma festa muito famosa cahamada romária, em agosto os povo costuma ir dia 12 e voltam dia 17 dia 13 tem as oito horas, dia 14 o império do divino dia 15 o império da nossa senhora da badia. Nossa cidade mais próxima e terésina, mas o nosso município é Cavalcante

Texto 4:

A comunidade do vão das almas

Na comunidade vão almas tem muitos rios correços e tem varios local para morra.

Na comunidade acotese as festas todo ano a festa mais falada e de nossa senhora Abadia, a festa comesa no dia 12 a 17 no dia 14 e o imperio do divino Espirito santo, e 15 de nossa senhora Abadia.

A cidade mais posima e teresina de Goiás só a maioria das pessoas fequentas mais Cavalcante.

Tem Rios muito perigoso como capivara, bara do Rio branco, capim puba. Para chegar ate a comunidade vão de almas prisa pasar serra e Rio Almas(rio branco).

Texto 5:

Os tipo de coisa na nossa comunidade

Na comunidade nossa tem muitos tipos de rios gameleira, capivara, barreiro, parana, também tem tipos de grontas, da parinda, corgo da serra, burinti cuprindo, corgo de areia, agora voi fala sobe a festa mais principal que todo povo da comunidade vai a festa da romaria é pessoal sempre ums vai dia 10, 11, 12, e o imperinho sempre e dia 14 e 15 dia 14 o santo e divino espirinto santo, dia 16 e a faia e dia 17 os povos vai embora e a cidade mais perto do vão de almas e teresina.